

Amor Eterno

Barbara Cartland

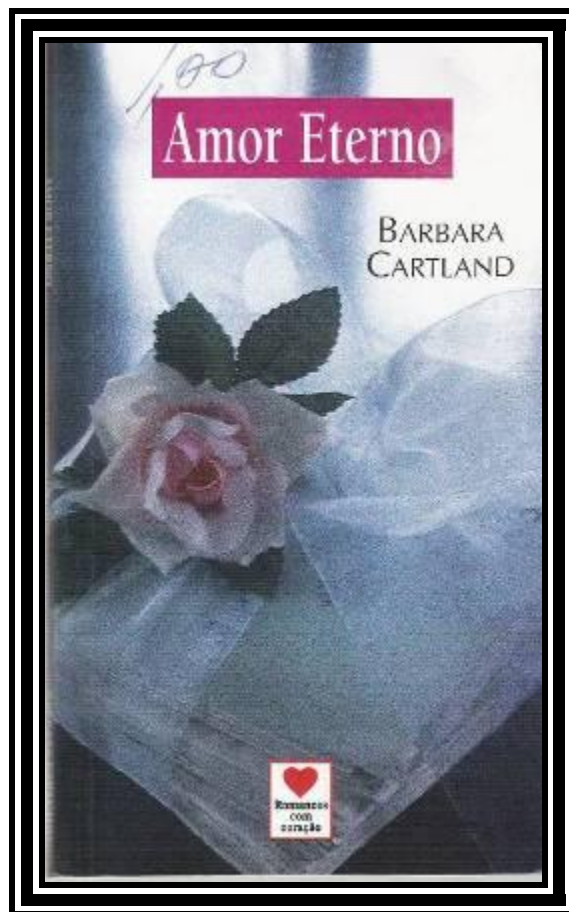
Coleção Barbara Cartland nº 83
sob o título

“O rio do amor eterno”

Digitalização: Polyana

Revisão: Edith





RESUMO: Um amor pode transcender o tempo?

O duque não saberia dizer por que queria visitar o templo de Luxor sozinho. Desde sua chegada um estranho impulso, uma espécie de predestinação, o fazia seguir pelo rio Nilo, na direção das ruínas. Agora, ali estava, entre os altos pilares banhados pelo sol poente. E a mulher a sua frente parecia uma visão. Dasher aproximou-se dela e disse: “Quando a vi, pensei que não fosse real, mas um rosto esculpido na pedra da coluna em que estava recostada. O rosto de alguém que havia vivido aqui milhares de anos atrás”. A moça levantou para ele os olhos incrivelmente azuis e respondeu, com voz suave e musical: “Sei que vivi. E o senhor... também!”.

Muitos gregos estiveram no Antigo Egito, mas foram os romanos os primeiros a colecionar antiguidades egípcias, e fênixes e estátuas de faraós adornavam os palácios dos imperadores romanos.

O interesse por essas obras na Europa aumentou muito a partir de 1830, encorajando a atividade dos ladrões de tumbas. Dessa forma, grandes coleções chegaram ao Museu Britânico, ao Louvre e a Berlim. O Vale dos Reis, no entanto, só atraiu a atenção e a cobiça do mundo em 1922, quando Howard Cáster, financiado por lorde Camaervon, descobriu o túmulo de Tutancâmon.

Em minha primeira visita a Luxor, nos anos 20, conheci Howard Cáster e estive na tumba, onde vi os fantásticos tesouros que continha.

CAPÍTULO I

1892

— Tenho algo a lhe dizer.

O duque de Darleston, que se preparava para voltar para o quarto, virou-se e perguntou:

— O quê?

— Edward Thetford me pediu... em casamento.

Houve um breve silêncio antes de o duque dizer:

— Acho que devia aceitar, Myrtle. Ele é um tanto pomposo, mas rico e um bom homem.

Lady Garforth hesitou por alguns instantes antes de fazer a pergunta:

— Imagino que você não se casaria comigo, não é?

O duque sorriu.

— Não me lembro se foi Oscar Wilde ou Lillie Langtry quem disse que bons amantes dão péssimos maridos.

— Foi o príncipe de Gales, e é bem verdade, no que diz respeito a ele.

— E também seria no que me diz respeito.

— Mas temos sido tão felizes, Dasher — disse ela, com um pequeno soluço. — E você sabe que eu o amo.

— Thetford é o marido ideal para você. Ele sabe sobre nós?

— Tenho quase certeza de que suspeita de alguma coisa, mas nunca tocou no assunto. É cavalheiro demais para me fazer perguntas embaraçosas.

O duque riu.

— Se conheço bem Thetford, ele só sabe daquilo que lhe agrada e ignora o resto. Case com ele, Myrtle. Vai satisfazer todos os seus caprichos, e, além do mais, os diamantes da família ficarão muito bem em você.

— Oh, Dasher! — Chorosa, lady Garforth escondeu o rosto no ombro dele.

O duque abraçou-a com carinho. Myrtle, sem dúvida, era uma doce mulher, e ele gostava muito dela. Tinham desfrutado uma relação apaixonada e ao mesmo tempo amigável nos últimos cinco meses. Mas se havia uma coisa que ele sempre evitava era ficar preso demais a qualquer mulher.

— O que quer da vida, Dasher? — Myrtle perguntou.

— Tudo, menos casamento.

— Mas terá de se casar, cedo ou tarde. Não se esqueça de que seu pai teve quatro filhas antes de você nascer.

— Meus pais nunca me deixam esquecer disso. Não era de admirar que a família o tivesse mimado desde pequeno. Dasher era bastante honesto para reconhecer que tantos cuidados o haviam estragado. As quatro irmãs o adoravam, e o pai acreditava que o sol e a lua só nasciam e se punham por causa de seu amado filho. Lembrava-se da mãe dizendo ao marido:

— Não deve fazer todas as vontades dele. Senão, quando crescer ficará insuportável.

O que salvou o duque de tal destino foi o fato de ser muito inteligente.

Na verdade, o único problema na vida de Dasher, se é que se podia chamar de problema,

era evitar o casamento com uma das inúmeras damas ambiciosas decididas a agarrá-lo para si mesmas ou para as filhas.

— Um dia você vai se apaixonar, Dasher — disse Myrtle.

Ele pareceu surpreso.

— Está insinuando que nunca me apaixonei?

— Não é uma insinuação, é um fato.

O duque ia zombar de uma declaração tão absurda, mas, de repente, percebeu que era verdade.

Nunca tinha sido capaz de resistir a um rosto bonito, a olhos cheios de convites e lábios provocantes. Nessas ocasiões, dizia a si mesmo que estava loucamente apaixonado. Agora, no entanto, pensando na curta duração de seus tórridos romances, chegava à conclusão de que Myrtle estava certa.

Percebendo que suas palavras o haviam tocado, ela se afastou um pouco e encarou-o.

— Eu o amo, Dasher, e sempre amarei. Nunca haverá nenhum outro homem em meu coração. Mas não sou tola de pensar que sente o mesmo por mim.

— Como sabe disso?

— Porque, meu querido, você jamais conheceu o amor verdadeiro, que faz homens e mulheres estarem dispostos a morrer uns pelos outros, se necessário.

— Entendo o que quer dizer. Mas acha mesmo que esse tipo de amor, o amor dos poetas, dos músicos e dos romancistas, pode acontecer a um homem como eu? Sou um boêmio.

— Claro que é. Mas apenas porque ainda não encontrou o que procura.

— Garanto-lhe que não procuro o amor. Até admito que esse sentimento de que falou exista, mas estou muito contente com o que encontrei até agora.

Passou os braços em volta do corpo esguio de Myrtle, que o abraçou pelo pescoço, atraindo-o para ela.

— Porque amo você, Dasher, quero muito que encontre a verdadeira felicidade. E tenho o pressentimento de que encontrará.

— Quando isso acontecer, você será a primeira a saber.

— Não brinque, estou falando sério. Você deu tanta felicidade a tantas pessoas, que merece conhecer a maior de todas: o verdadeiro amor.

— Está tentando me fazer sentir insatisfeito? Você me conhece bem,

Myrtle. Sabe que, agora, vou lutar para conseguir isso. E sabe também que sempre consigo o que desejo.

— Espero que seja verdade. Por outro lado, talvez até seja bom que não consiga. Você já tem demais.

— Agora, estou começando a achar que quer me punir por ter dito que deve casar com Thetford.

— Não seja tolo! Só quero que tenha o melhor da vida.

— Sempre pensei que já tivesse.

Ambos ficaram em silêncio, pensativos.

De uma certa forma, o duque se irritava com a possibilidade de ela estar certa. Apesar de seu temperamento lutador e de nunca desistir daqui-lo que desejava, no íntimo jamais lhe havia ocorrido que existisse alguma coisa fora de seu alcance. Estava habituado a vencer, cedo ou tarde.

Pensou no amor que conhecia. Com Myrtle, por exemplo, era uma excitação que às vezes explodia como um raio cortando o céu escuro, outras vezes, uma sensação calma e sutil como o desabrochar das flores ou o murmúrio das ondas quebrando na areia dourada.

Amor... havia experimentado tantos tipos, mas sempre a chama se apagava pouco a pouco.

— Por que eu haveria de querer alguma coisa diferente? — perguntou, desafiador.

— Eu lhe dei mesmo o que pensar, não é? Já é uma grande coisa por si mesma.

— Está fazendo com que eu me sinta um anormal.

— Não anormal. Diferente. Um rei, um califa, um faraó, e muito diferente de qualquer outro homem que conheço.

— É mesmo verdade? — perguntou ele, depois de uma pausa.

— Claro que sim. Deve saber, Dasher, que não existe ninguém como você. É isso que o torna tão excitante. Dá a impressão de não pertencer a esta época, mas de ter surgido de alguma página da História, ou mesmo de outro planeta.

Ela deu uma risadinha, antes de continuar:

— E talvez tenha. Como é mesmo a palavra para ter vivido antes e voltar a nascer?

— Reencarnação.

— É isso. Talvez você seja a reencarnação de algum rei oriental ou de um faraó do Egito.

— Ou um escravo, ou um macaco, ou um réptil!

— Não, isso é impossível, querido. Seus talentos são muito desenvolvidos.

Decidido a não levar a conversa a sério, o duque comentou:

— E tudo isso só porque sugeri que aceitasse o pedido de casamento de Edward Thetford!

— E se recusou a casar comigo — Myrtle lembrou.

— Quero que continue a me amar, o que certamente não aconteceria se eu me tornasse seu marido.

— Seu cínico! Tem medo é de que eu me tornasse ciumenta como a princesa Alexandra. E acho que isso aconteceria mesmo.

Como ele nada disse, Myrtle concordou:

— Está bem, vou casar com Edward. Mas, por favor, Dasher, não podemos nos esquecer dele por enquanto?

O duque não pôde resistir ao apelo tentador em sua voz. Virou-se, abraçou-a e procurou seus lábios. Mas, mesmo enquanto se amavam, uma pergunta ecoava em seu cérebro:

— Onde estará esse amor que estou perdendo?

Harry Settingham acordou com alguém abrindo a cortina da janela.

Abriu os olhos de má vontade. Estava exausto. Tinha ido dormir muito tarde, depois de abusar do excelente vinho de Dasher, e não sentia a menor disposição de encarar um novo dia.

Percebeu, de repente, que não era seu criado de quarto quem abria a cortina, mas alguém muito mais alto, que se adiantou e se sentou na beira da cama.

— Dasher! O que quer tão cedo?

— Falar com você, Harry.

Com esforço, o outro abriu totalmente os olhos.

— Sobre o quê? Que horas são?

— Acho que umas seis.

— Seis?! Meu Deus, o que aconteceu? '

— Decidi partir numa expedição e quero que vá comigo.
— Expedição? — Harry recostou nos travesseiros. — O que está perturbando você?
— Nada. Simplesmente resolvi escapar das coisas que temos feito semana após semana, mês após mês, com uma regularidade monótona. Cansei disso.
— Enlouqueceu? Não consigo imaginar nada menos monótono do que a sua vida.
— Quero partir imediatamente para o Egito.
— Egito? — Harry gritou. — Mas, pelo amor de Deus, para quê?
— Acho que será interessante conhecer a terra dos faraós.
— Não tenho certeza se quero ver um monte de velhas ruínas. Bertie esteve lá no ano passado e disse que é um fim de mundo, a não ser por algumas lindas dançarinas do Cairo.
— Não vou por causa desse tipo de coisa. Estou falando sério, Harry: quero conhecer o passado do Egito e ver outras partes interessantes do mundo.
— Já se cansou de Myrtle? — perguntou o amigo, como se a idéia lhe ocorresse de repente.
— Gosto muito de Myrtle, mas Thetford a pediu em casamento e eu a aconselhei a aceitar.
— Ora, os sócios do White vão ficar em polvorosa com essa novidade.
— Estou pouco me importando com o que aquele bando de parasitas desocupados pense ou deixe de pensar.

Harry riu.

— O que quer mesmo dizer é que detesta que comentem sua vida particular. Por Deus, Dasher! Deve saber que você traz um pouco de luz e riso para suas vidas monótonas e vazias.

O duque riu também.

— Acho que tem razão. Mas ainda não aceitou meu convite.
— Ir ao Egito com você? Claro que vou, se é o que quer. Quem mais está pensando em levar?

— Não tenho certeza. É uma coisa que quero discutir com você.

— A essa hora da manhã?

— Como quero partir o mais cedo possível, os convites têm de ser feitos imediatamente.

Harry deu uma risada sonora.

— Isso é bem próprio de você, Dasher. A maioria das pessoas que viaja por mar leva meses se preparando. Está certo, venceu! E não vou protestar por ter interrompido meu "sono de beleza".

— Vai ter muito tempo para isso a bordo. Agora, quem seriam os companheiros mais divertidos para uma viagem tão longa?

Discutiram durante quase uma hora, até finalmente escolherem quatro pessoas.

Harry Settingham era o mais antigo e íntimo amigo do duque. Tinham estado juntos em Eton e depois em Oxford e servido três anos no mesmo regimento, até Dasher herdar o título. Com a morte do pai e as novas responsabilidades, o duque pôde deixar a vida militar com dignidade e sem merecer nenhum tipo de reprovação.

Como eram. tão bons amigos, Harry tornou-se uma espécie de braço direito dele, e muita gente achava que tinha uma certa influência sobre o duque. Só ele próprio sabia que ninguém podia influenciar um homem tão especial e inteligente.

Se Myrtle Garforth suspeitava de que o duque nunca tinha estado apaixonado, Harry estava certo disso. Achava mesmo pouco provável que um dia encontrasse a mulher ideal. Embora muitas pudessem lhe oferecer a beleza de Vénus, nenhuma jamais satisfazia sua mente

tanto quanto o corpo.

Agora, ouvindo Dasher fazer planos para a viagem ao Egito, dizia a si mesmo que já devia esperar por algo assim, desde que começara a perceber que seu interesse por Myrtle diminuía.

Harry gostava dela e a achava a mais bonita e compreensiva amante do duque. Nunca a ouvira dizer nada desagradável ou maldoso sobre quem quer que fosse e tinha uma inteligência viva, embora sua educação formal deixasse bastante a desejar. Mas pouquíssimas mulheres tinham; invariavelmente, eram criadas por uma governanta que só se preocupava em lhes ensinar como arranjar um marido.

Essa era a regra aceita entre as famílias aristocratas, que não economizavam na educação dos filhos, mas gastavam o menos possível com a das filhas.

Mantidas dentro de casa, afastadas dos problemas do dia-a-dia até debutarem, as moças tinham como única obrigação ser belas e frescas como flores e fazer um bom casamento dentro de um prazo máximo de dois anos depois de ser apresentadas à sociedade.

Esses casamentos, claro, eram arranjados por suas mães, que geralmente acertavam tudo sem levar em consideração os sentimentos das filhas.

Só quando já estavam com o anel de noivado no dedo tinham consentimento para frequentar outras jovens mulheres casadas, com as quais se esperava que aprendessem a ser sofisticadas.

O mais incrível, Harry sempre pensava, é que realmente aprendiam.

Mas, evidentemente, essa sofisticação e elegância raramente passavam de uma casca, um polimento superficial, mesmo assim bastante aceitável socialmente.

As damas que frequentavam o círculo do príncipe de Gales eram os exemplos mais perfeitos dessas qualidades, e apesar de pertencerem a uma outra geração, Dasher e Harry esperavam o mesmo tipo de comportamento das moças de sua idade.

Myrtle se enquadrava perfeitamente nos padrões.

É uma pena!, pensou Harry. Mas, com certeza, o lugar dela logo seria ocupado.

Em voz alta, perguntou:

— Pretende mesmo incluir lady Cairns na viagem?

Quando o duque mencionou o nome dela pela primeira vez, Harry hesitou porque, apesar de muito bonita, achava que não tinha a mesma classe nem o mesmo temperamento agradável de Myrtle.

Lily Cairns, todos sabiam, atraía o interesse do duque ao serem apresentados uma semana antes, em Marlborough House

Como tinha vivido muito tempo no Norte, era nova em Londres, mas não havia nada de provinciano em sua aparência. Com seus sedosos cabelos avermelhados, sua pele muito alva e um brilho enigmático nos olhos, chamava a atenção onde quer que aparecesse. Até mesmo o príncipe se mostrara interessado.

— É sua primeira visita a Marlborough House? — Harry tinha ouvido o príncipe perguntar a ela. — Pelo que soube, acaba de chegar a Londres.

— Sim. Eu morava na Escócia, sir.

— E a Escócia tem tanto assim a oferecer, a ponto de fazê-la nos negligenciar?

O sorriso que Lily deu ao príncipe foi uma mistura perfeita de encanto e modéstia.

— Acabei de voltar, agora que fiquei viúva.

Mais tarde, naquela noite, Harry viu o duque rondando o canto da sala onde lady Caims recebia sua corte particular. Embora não compreendesse na ocasião, agora sabia que naquele momento a sorte de Myrtle havia sido selada, pois Dasher estava novamente conquistado por um outro rostinho adorável.

Em resposta à pergunta do amigo, o duque disse, muito sério:

— Lily Caims viveu tanto tempo na Escócia que deve estar acostumada a velejar e a enfrentar problemas no mar. Não que eu espere algum a bordo do Sereia.

— Também espero que não. Para passar por desconfortas, prefiro não ir com você.

— Depois desse comentário tão egoísta, eu devia abandonar você no meio do deserto. Montado num camelo — falou o duque. — Não se preocupe, Harry, terá uma viagem confortável e apostado que não vai resistir a subir no topo de uma das pirâmides.

— Recuso-me a continuar falando sobre essa viagem absurda. Quero dormir. Providencie o que quiser, leve quem desejar para seu prazer, meu amo e senhor!

O duque riu.

— Está bem, Harry, volte a dormir. Terei tudo providenciado, inclusive uma dançarina exótica para diverti-lo.

— Pode deixar para arranjar uma quando chegarmos ao Cairo.

Lembre-se, Dasher, de que a maioria das mulheres não parece muito atraente com enjôo do mar.

Dasher riu novamente, foi até a janela, fechou a cortina e saiu do quarto.

Harry fechou os olhos, mas não conseguiu pegar no sono. Em vez disso, ficou pensando que era muito próprio do amigo resolver, de repente, procurar por novos interesses.

Na verdade, isso era uma das coisas que o tornavam tão cativante.

Como um garoto que se cansa do brinquedo, Dasher costumava abandonar tudo e partir para aventuras loucas da noite para o dia, sem hesitar e sem nem mesmo considerar as chances de ter sucesso.

Por esse motivo, viver com ele era tão interessante. Pensando bem, Harry chegou à conclusão de que era surpreendente que uma coisa parecida com aquela não tivesse acontecido antes!

CAPITULO II

Lily Caims desceu da carruagem antiquada e subiu lentamente os degraus da casa em Belgrave Square.

O mordomo, grisalho e encurvado pela idade, disse, com uma voz cavernosa e um pouco sinistra:

— O duque de Darleston está à sua espera, lady Caims.

Lily ficou parada por um momento. Então, com uma calma que estava longe de sentir, perguntou:

— Sua Graça está na sala de visitas?

— Sim, lady Caims.

Ela hesitou um segundo apenas, antes de correr pela escadaria, em direção a seu quarto.

Assim que entrou, jogou a estola de plumas e o casaco em cima da cama e foi se olhar no grande espelho do guarda-roupa.

Seus olhos, arregalados de excitação, se apertaram um pouco, enquanto observava atentamente sua imagem.

Era por isso que estava esperando! Por isso tinha rezado!

Agora, o duque esperava por ela lá embaixo! Era o primeiro passo em direção a seu objetivo.

Lily Cairns era calculista e insaciavelmente ambiciosa. Desde os quinze anos havia decidido não se deixar envolver pela pobreza e pela vida anônima de sua selvagem região, em Perthshire.

O pai, Roland Standish, um cavalheiro sem tostão, aceitara trabalhar como guarda-caça na imensa propriedade de sir Ewan Cairns quando ela tinha doze anos.

A mãe de Lily morrera quando ela ainda era bem pequena, mas a menina, muito esperta, logo descobriu que havia algum mistério a respeito da mãe, pois os parentes do pai sempre falavam do assunto aos sussurros.

Algumas pessoas insinuavam mesmo, embora ninguém chegasse a dizer isso abertamente, que era uma sorte para Lily e o pai que ela não estivesse mais com eles.

Só depois de bem mais velha Lily ficou sabendo que a mãe era filha de um mercador de vinhos a quem o pai devia dinheiro. Tinha sido uma mulher de excepcional beleza, e, quando o mercador descobriu que seu maior devedor lhe seduzira a filha, obrigou-o a casar. Em troca, perdoou as dívidas de Roland e se comprometeu a sustentar o jovem casal.

Infelizmente, esse dinheiro cessou quando a filha morreu.

Foi nessa época que Roland Standish recebeu o convite de sir Ewan para trabalhar em sua propriedade na Escócia por um salário irrecusável. Ir para o Norte significaria escapar dos credores dali do Sul. E, para Lily, significaria escapar da vigilância constante dos parentes do pai, que pareciam achar defeito em tudo que ela fazia ou dizia.

À medida que os anos passavam, ela começou a perceber que essa liberdade era muito relativa, pois suas vidas dependiam agora da generosidade e do bom humor do patrão de seu pai.

Aos quarenta e poucos anos, sir Ewan ainda era um homem saudável, ativo e bastante autoritário, muito consciente e orgulhoso de sua antiga linhagem escocesa. Esperava de todos não apenas obediência, mas também adoração.

Bem depressa, Lily percebeu que sir Ewan gostava que seu pai dependesse completamente dele e que a incluía nessa dependência. Era óbvio que, se quisesse alguma coisa de especial, ela devia pedir a ele, e não a Roland.

Viúvo havia muito tempo, sir Ewan vivia praticamente solitário, e não foi surpresa para ela notar que, com o passar dos anos, começava a olhá-la como mulher, e não mais como uma criança.

Quando o pai morreu de pneumonia numa noite gelada de novembro, Lily resolveu que se tornaria lady Cairns.

Logo depois do enterro, parecendo linda e pateticamente desprotegida em seu vestido preto, ela olhou para sir Ewan por entre as lágrimas e disse, numa voz baixa e infantil que usaria com frequência no futuro:

— Sei que papai não me deixou dinheiro e que o senhor vai querer a casa. Estou pensando em... arranjar um emprego em Perth, se me ajudar.

Foi então que sir Ewan lhe deu um anel de noivado, comprou-lhe um rico guarda-roupa e

colocou a seus pés as jóias e peles que haviam pertencido à primeira lady Cairns.

Viajaram então para Edimburgo, onde ele apresentou a jovem noiva aos chocados parentes.

Mas todos o respeitavam demais, ou dependiam de sua fortuna, para mostrar claramente como desaprovavam aquele casamento.

Só Lily percebeu o que sentiam, e isso a divertiu.

Casara-se pouco depois e entraram numa roda-viva de teatros, bailes e recepções. Ela também convenceu o marido a lhe comprar jóias e roupas mais espetaculares do que as da primeira esposa.

Foi depois de três anos de casamento que Lily começou a pensar em seu futuro. Sabia que o marido tinha um filho e, apesar de ter brigado com o pai e viver no Sul, Alister era o herdeiro do baronato e da propriedade.

Isso não a preocupou de início. Na verdade, não chegara sequer a pensar que Alister Cairns, a quem não conhecia, pudesse ter alguma influência em sua vida. Mas, quando o marido caiu de cama com uma forte gripe,

Lily percebeu, de repente, que, se ele morresse como seu próprio pai havia morrido, ela poderia se ver novamente sem um tostão.

Sir Ewan tinha sido muito franco ao falar do assunto, pouco depois de casarem.

— Fiz um novo testamento, mas não posso deixar muito para você.

Quase tudo irá para Alister, e não sou um homem tão rico assim. Sua herança é suficiente para mantê-la, desde que faça economia, coisa de que não me parece capaz no momento.

— Sinto muito se fiz... alguma coisa errada — disse Lily, com um tom de voz infantil que sempre causava o efeito desejado.

— Não fez nada de errado. Apenas é uma mocinha extravagante.

As palavras eram um carinho, e não uma reprovação. Então, ele continuou, mas sério:

— Imagino que se casará novamente. Nesse caso, certifique-se de que seja com um homem rico.

Esse comentário, mais do que tudo, fez Lily compreender que não poderia ficar viúva por muito tempo. E o segundo marido teria de ser alguém capaz de lhe dar o luxo a que estava acostumada. Conhecendo bem a sociedade de Edimburgo, soube que não encontraria tal homem na Escócia. Só em Londres.

A partir de então, começou a ler todas as revistas e colunas sociais dos jornais e a ouvir com atenção as conversas das outras mulheres, mais bem informadas do que ninguém a respeito dos bons partidos disponíveis.

Foi assim que ouviu falar pela primeira vez do duque de Darleston. Era o homem mais fascinante da Inglaterra, todos diziam.

Pelos jornais, Lily acompanhou todas as corridas de cavalos, bailes e recepções a que ele comparecia e decidiu que, se um dia fosse a Londres, o duque seria o primeiro que tentaria conquistar.

Quando sir Ewan morreu, depois de nove anos de casamento, ela já tinha tudo muito bem planejado.

À medida que o marido envelhecia e o inverno afetava cada vez mais sua saúde, obrigando-o a ficar de cama, Lily se preparava para enfrentar o futuro, guardando dinheiro e comprando jóias que poderiam lhe ser úteis mais tarde.

O que ele lhe havia dito sobre o testamento era a pura verdade. Como sua viúva, receberia aproximadamente quinhentas libras anuais. Tudo o mais no castelo pertencia a Alister, que apareceu para o enterro do pai e deixou claro, sem necessidade de palavras, que os dias de Lily ali estavam contados.

Felizmente, ela já previa isso e tinha tudo pronto para viajar.

Providenciara até mesmo um lugar para ficar em Londres.

Sir Ewan tinha uma irmã casada com um oficial que servia no Castelo de Edimburgo. Quando o general sir Alexander Rushton se aposentou, foi morar com a esposa em Londres, numa casa em Belgrave Square.

Lily convencera sir Ewan, que não gostava muito do cunhado, a convidá-los para a abertura da temporada de caça. No primeiro ano, recusaram o convite, mas, no segundo, compareceram. E lady Cairns fez o possível e o impossível para cair nas boas graças da cunhada.

Não havia dúvida de que lady Rushton desaprovava o segundo casamento do irmão, e ainda mais com uma moça que tinha idade para ser sua filha. No entanto, a deferência que Lily demonstrou por ela, a adoração que fingiu sentir pelo marido e seu desejo de agradar foram suficientes para derreter o coração daquela mulher, que se ressentia por não ter filhos.

— Vou sentir sua falta, querida — disse-lhe lady Rushton. — Vou pedir a Ewan para levá-la para ficar conosco uma temporada em Londres. Senão, darei um jeito de convencer meu marido a voltar aqui no ano que vem.

— Oh, por favor... por favor, faça isso — Lily implorou.

Parecia tão sincera e tão patética, que o instinto maternal da velha senhora voltou-se ainda mais para ela, e durante os anos seguintes respondeu com carinho às efusivas cartas da jovem cunhada.

Depois da morte de sir Ewan, Lily escreveu-lhe perguntando se podia ficar algum tempo com ela em Londres. A resposta foi um entusiasmado convite para ficar o tempo que desejasse.

Mas Lily não tinha pressa. Sabia exatamente o que queria e não pretendia chegar à Inglaterra vestida de preto, cor que não a favorecia e a deixava deprimida.

Em vez disso, hospedou-se com amigos em Edimburgo. Gente escolhida a dedo e que se sensibilizou com a pobre viúva sem herança. Todos queriam amenizar seu sofrimento e, principalmente, resolver seus problemas financeiros. Ficaram felizes em lhe dar presentes, que ela recebia com falso embaraço.

Assim, seis meses passaram rapidamente. Quando achou que já podia aliviar o luto, Lily partiu de Edimburgo a caminho do Sul.

Lady Rushton recebeu-a de braços abertos. Nessa época, a saúde do general o obrigava a passar a maior parte do tempo de cama, e a esposa sentia falta de uma companhia. Ficou encantada de ter outra mulher em casa, mesmo uma tão mais moça do que ela.

O que não esperava era que Lily não tivesse a menor intenção de sentar-se junto à lareira para tagarelar, e sim de ter uma agitada vida social.

Não precisando mais interpretar o papel de viúva inconsolável sempre à beira das lágrimas, ela começou a tirar todo o partido possível de sua grande beleza. Passara cada minuto dos seis meses anteriores aprendendo tudo que era necessário para brilhar na sociedade que pretendia conquistar.

A história da sra. Langtry, que primeiro atraiu atenção do mundo artístico com sua beleza e

depois o interesse do príncipe de Gales, era para ela um perfeito exemplo de como uma mulher bela e inteligente devia agir.

Não era tola para tentar copiar a sra. Langtry, que só se vestia de negro, mas resolveu fazer algo parecido: usar apenas roupas brancas. Com sua cabeleira ruiva, o efeito seria fantástico.

Também era bastante inteligente para não tentar aparentar uma sofisticação que não possuía. Sempre tinha ouvido falar que as pessoas, homens e mulheres, gostavam de patrocinar quem lhes parecesse humilde e subserviente.

Assim, começou a lisonjear lady Rushton, implorando para que a ajudasse a encontrar um segundo marido.

— Sou tão estúpida e sem talento — disse, com tristeza. — Sei que devia arranjar um emprego, mas isso me parece tão difícil... O que preciso mesmo é arranjar um homem bastante gentil que me peça em casamento.

— Isso não será nada difícil — respondeu a velha senhora, olhando para seu rostinho adorável, de pele perfeita e muito alva.

— Infelizmente, não conheço nenhum homem jovem e sem compromisso. E, é claro, na Escócia nunca olhei para outro além de Ewan.

— Desde que Alexander adoeceu, quase não saio de casa. Mas agora, para o seu bem, querida, farei um esforço para aceitar os convites e levá-la a festas. E tenho certeza de que meus amigos nos ajudarão de bom grado.

Como sir Alexander havia sido um oficial respeitado e de muito prestígio, foi fácil para lady Rushton conseguir que as esposas de seus ex-companheiros e subordinados convidassem Lily para bailes, festas e recepções.

A moça percorreu as lojas chiques de Londres, comprando vestidos que valorizassem seu tipo exótico e chapéus que acentuassem a cor dos cabelos.

A cunhada ficaria muito surpresa se soubesse quanto Lily tinha depositado em uma conta secreta. Dinheiro que havia tirado sistematicamente do marido, desde o começo de sua doença. Tinha sido tão esperta que nem por um minuto ele chegou a desconfiar de nada.

Não teve a menor dificuldade em convencer sir Ewan a contratar um contador jovem e impressionável, que se prontificou a ajudá-la em troca de alguns beijos e promessas nunca cumpridas de uma intimidade ainda maior no futuro.

Dessa forma, muito dinheiro que devia pertencer a Alister estava agora na mãos de Lily. E ela sabia como gastá-lo.

Em todas as festas, os homens se sentiam atraídos para ela como por um imã, olhando-a com o deslumbramento de quem vê um raio de sol romper as nuvens escuras.

Lily gostava disso, mas era inteligente para perceber que a aprovação feminina contava mais do que a masculina, no momento. E soube se fazer tão encantadora e tão patética, de acordo com as necessidades, que as matronas da sociedade, aquelas que, por ciúme e despeito, podiam fechar-lhe todas as portas, faziam questão de que comparecesse a todos os grandes acontecimentos.

No pequeno e fechado círculo que frequentava, logo seu nome e sua beleza se tornaram tão famosos como os das "incomparáveis" lady Randolph Churchill, sra. Cornwallis West e lady Dudley.

Era, portanto, inevitável que acabasse se encontrando com o príncipe de Gales.

Certa tarde, durante uma recepção a que comparecera acompanhada pela cunhada, estava conversando com um pequeno grupo quando ouviu uma voz gutural perguntar:

— Como está seu marido, lady Rushton? Lily virou-se ao mesmo tempo que a cunhada, esta encantada com a deferência de Sua Alteza.

— Um pouco melhor, sir, e ficará muito honrado ao saber que perguntou por ele.

— Transmita-lhe meus melhores votos de rápida recuperação e diga que espero vê-lo em minha próxima recepção.

Então, os olhos do príncipe se voltaram para Lily, e ela compreendeu por que ele havia atravessado o salão para ir falar com lady Rushton.

Quando fez a reverência que tinha ensaiado durante horas diante do espelho, percebeu a admiração dele e o fato de que segurou sua mão por mais tempo do que o necessário.

Ao voltar para casa com a cunhada, Lily sentia-se nas nuvens, pois havia sido convidada para uma festa em Marlborough House e era bem possível que o duque de Darleston estivesse lá.

Tinha estudado com cuidado o Debrett e feito mentalmente uma lista de homens solteiros e interessantes.

Não havia muitos.

Os nobres costumavam casar ainda jovens e, depois de providenciarem um herdeiro para seus títulos, passavam a gozar a vida com cortesãs, como o próprio príncipe de Gales fazia.

Lily não pretendia se tornar uma dessas mulheres. Não era um amante que queria, mas um marido.

Quando finalmente ficou conhecendo o duque de Darleston, compreendeu que sua escolha, feita tantos anos antes, era perfeita.

Sabia que os romances dele duravam pouco, mas prometeu a si mesma que estariam casados antes que seu interesse por ela diminuísse. Os casos do passado não tinham importância.

Durante sua estada em Edimburgo, era costume as jovens consultarem cartomantes.

— Essa vidente é fantástica! — uma de suas amigas lhe disse na época. — Pode ver coisas do nosso passado que ninguém sabe.

— E quanto ao futuro? — Lily perguntou.

— É infalível. Tudo que diz acontece realmente.

Diante disso, Lily foi visitar a sra. McDonald. Era uma velha escocesa de aparência sinistra, que sem dúvida possuía alguns dons de clarividência, mas que não chegou a convencê-la inteiramente.

A mulher, no entanto, repetiu muitas e muitas vezes uma profecia que Lily queria ouvir: ela teria um brilhante futuro.

— Vejo-a coberta de jóias como uma rainha. E homens, muitos homens a seus pés.

Uma pausa, e a velha perguntou:

— Há mais alguma coisa que deseje saber? — Lily sacudiu a cabeça.

— Acho que não. Já me disse tudo que queria saber.

A vidente pareceu surpresa.

— E quanto ao amor? Todas me perguntam sobre o amor. Olhe, minha cara, vai destruir muitos corações, antes de perder o seu. — Fechou os olhos, concentrando-se, e continuou: — Não será fácil conquistar esse homem, mas, no fim, você vencerá a batalha. Lembre-se de minhas palavras: terá de lutar para vencer.

— Vou me lembrar — respondeu Lily, desinteressada.

Colocou meio guinéu sobre a mesa, pensando que fosse muito dinheiro em troca de coisas que já sabia. Mas a profecia servia, pelo menos, para aumentar sua autoconfiança.

Agora, ao descer a escadaria na direção da sala de visitas da casa de Belgrave Square, dizia a si mesma que tudo que havia planejado estava se tornando realidade.

O duque de Darleston a esperava, e estava determinada, com a férrea força de vontade que guiava seus passos desde os quinze anos, a torná-lo seu marido.

A vidente de Edimburgo tinha dado muito o que pensar a Lily. Se uma velha que morava num bairro miserável era capaz de "ver" coisas, ela estava certa de que esse era um poder que todos possuíam e podiam usar. Era só uma questão de desenvolvê-lo.

Tinha vivido tempo suficiente na Escócia para saber que em todas as cidades e vilarejos existia uma velha que todos consultavam a respeito do futuro, por possuir o que o povo chamava de "uma segunda visão".

Para Lily, era um dom que poderia usar para conseguir o que mais ambicionava.

Se conseguisse "ver" o que um homem sentia e pensava, seu domínio sobre ele seria total. Tal capacidade era mil vezes mais importante e útil do que a beleza.

Desde então, treinava, tentando penetrar na mente das pessoas que conhecia e, em muitas ocasiões, achou a experiência muito bem-sucedida.

Agora, dizia a si mesma que, se quisesse conquistar e prender o duque, precisava antes de mais nada fazer com que ele percebesse que era muito diferente de todas as outras mulheres das quais se cansara tão depressa.

Lily parou na porta da sala de visitas, consciente de que o vestido branco que usava e o penteado novo feito naquela manhã a tornavam muito atraente.

Então, caminhou para o duque, as mãos estendidas, brindando-o com seu sorriso mais encantador.

— Mas que surpresa, Vossa Graça! Só sinto lhe dizer que minha cunhada não esteja em casa.

— Vim para ver a senhora.

Tomou as mãos dela e ficou olhando-a nos olhos por um longo momento, antes de levá-las aos lábios.

— Para me ver? — Lily perguntou, com falsa ingenuidade.

— Não tivemos ocasião de terminar nossa conversa, no outro dia, em Marlborough House. Sua Alteza Real nos interrompeu roubou-a de mim antes mesmo que eu comesse a lhe dizer tudo que desejava.

Lily baixou os olhos, como se a admiração que via nos dele a embaraçasse.

Dasher puxou-a delicadamente para um sofá, dizendo:

— Venha sentar-se. Tenho um convite a lhe fazer, que espero que aceite.

Ela nada disse, mas pensou que um convite para o Castelo Darle era exatamente o que desejava. Isso lhe daria a chance de conhecer a casa que um dia lhe pertenceria.

Sentou-se com as mãos cruzadas no colo e virou a cabeça para ele de tal modo que o sol de inverno que entrava pelas janelas incendiasse seus cabelos ruivos.

— Resolvi partir imediatamente para o Egito em meu iate — começou o duque. — E espero que aceite ser minha convidada.

— Para o Egito?

Essa era uma proposta pela qual absolutamente não esperava e, apanhada de surpresa, não sabia o que responder.

Ao mesmo tempo sentia que, se ficasse a sós com o duque durante uma viagem tão longa, seria impossível para ele escapar de seus encantos.

Diante da hesitação dela, Dasher insistiu:

— Pretendo subir o Nilo e fiquei sabendo esta manhã, pela primeira vez na vida, que nunca chove no Egito. — Riu, e Lily achou que ficava ainda mais atraente. — Virá comigo?

Ela não respondeu.

Depois de alguns instantes, ele continuou:

— Convidei também lorde e lady Southwold, dos quais já deve ter ouvido falar, e dois outros cavalheiros: James Bushly e um velho amigo meu, Harry Settingham. Conheceu-o em Marlborough House, lembra-se?

— Sim, é claro.

— Seremos seis, e creio que posso lhe prometer, lady Cairns, uma viagem muito agradável e confortável.

Lily levantou-se, foi até a janela e ficou olhando para a praça em frente à casa. O sol acabava de se esconder atrás de uma nuvem, e a paisagem lá fora pareceu de repente cinzenta e fria.

Parado no meio do salão, o duque esperava, olhos fixos em Lily.

— Eu... eu não sei... o que dizer — respondeu ela.

— Qual é o problema?

— Ainda não tirei completamente o luto e acho que seria... errado me divertir tanto, como sei que me divertirei nessa viagem, quando ainda sinto falta de meu... amado marido.

No íntimo, ela se congratulava pela resposta, dada num tom que comoveria qualquer homem.

— Pois acho que precisa de umas férias, justamente para esquecer o passado, cercada de novos amigos.

— Faz com que essa viagem pareça fascinante — disse Lily, sem olhar para ele.

— É exatamente o que pretendo. E, como sei o que é melhor para a senhora, não vou aceitar "não" como resposta.

Ela se virou, com um leve sorriso nos lábios.

— Espero estar fazendo a coisa certa. Meu marido era um homem muito autoritário, e não estou acostumada a tomar decisões.

— Então eu as tomarei em seu lugar. Pode estar pronta depois de amanhã?

Ela se afastou da janela, caminhando para ele.

— Se me disser que devo estar...

— Então pode considerar isso uma ordem. Seu cunhado lhe dirá, se perguntar a ele, que ordens devem ser obedecidas.

— Nesse caso... estarei pronta.

— Nem posso lhe dizer como isso me faz feliz. Lily ergueu os olhos para o duque.

— É o que quero: fazê-lo feliz. Mas me disseram que o senhor é que costuma dar felicidade aos outros.

Dasher sorriu.

— Esse é o tipo de elogio que gosto de ouvir. Os dois se encararam por um momento, e então Lily tornou a se sentar no sofá, aparentando modéstia.

O duque se aproximou, dizendo:

— Como a baía de Biscaia pode estar muito agitada nesta época do ano, resolvi que iremos por terra e embarcaremos no iate em Marselha. Na verdade, o Sereia já está a caminho de lá.

— Sereia? Que nome adorável! E tão... tão romântico.

— Foi por isso que o batizei assim. Sabe jogar bridge?

— Sim, claro.

— Teremos muito com que nos divertir, caso faça muito frio para ficarmos no convés. Mas, depois de chegarmos ao Egito, estou certo de que ficará tão interessada pelos templos como eu.

Por um momento, Lily se perguntou como seriam os tais templos. Não conhecia ninguém que se interessasse por um país tão longínquo e, embora tivesse aprendido sobre as pirâmides e a Esfinge, sempre havia associado templos à Índia, e não ao Egito.

— Devem ser... fascinantes — disse, indecisa.

— Mandei meu secretário comprar todos os livros disponíveis sobre o Egito, e poderemos passar algum tempo, enquanto estivermos no Mediterrâneo, descobrindo tudo sobre os faraós.

— E, é claro, Cleópatra — sugeriu Lily.

— Nenhuma outra mulher me interessa, se puder olhar para a sua beleza.

Ela não teve certeza se o elogio era sincero ou se tinha sido dito automaticamente, produto de uma longa prática. Mas não havia dúvida, pela expressão dele, de que a achava linda.

Antes de o duque ir embora, Lily perguntou, hesitante:

— Está mesmo certo de que quer que eu vá? Afinal, morei muito tempo no Norte, e pode me achar aborrecida e muito ignorante sobre as coisas que o interessam.

— Eu lhe direi exatamente o que me interessa... quando tivermos mais tempo.

Beijou a mão dela, e, assim que a porta se fechou atrás do duque, Lily virou-se para o grande espelho do salão e estudou minuciosamente seu reflexo.

"Sou bonita, e ele já me deseja. Mas tenho que colocar as cartas na mesa com muito cuidado para que esse desejo se transforme num pedido de casamento", pensou.

Resistiu ao impulso de correr até a janela e vê-lo partir, mas deixou o entusiasmo explodir num grito de alegria:

— Egito! Egito! E sem nenhuma outra mulher por perto para distraí-lo!

CAPITULO III

Atravessando a França no vagão particular do duque, atrelado ao Expresso de Marselha, Lily pensava que todo aquele luxo e conforto estivesse muito além de suas expectativas.

"Isso é ser realmente rico", pensou entusiasmada. A vida como duquesa de Darleston seria como flutuar em nuvens douradas e pisar em diamantes.

Era impossível não ficar romântica quando olhava para o duque. O fato de ter descoberto que o castelo Darle estava repleto de tesouros e que ele possuía diversas outras propriedades ajudava muito.

Mas, além do duque, seus outros companheiros de viagem também viviam cercados de

luxo.

Lady Southwold era a única outra mulher a bordo, e Lily ficou um pouco apreensiva a princípio, imaginando como ela seria.

Encontraram-se pela primeira vez na sala de estar do vagão, ainda na Estação Victoria, e um olhar foi suficiente para Lily se convencer de que não havia motivo para temer nenhuma competição de Amy Southwold.

Quando a viagem começou, descobriu que, apesar de não ser bonita, lady Amy era, sem dúvida nenhuma, fascinante, muito inteligente e divertida.

Essa tinha sido, aliás, a razão para o duque convidá-la, assim como ao marido, e com a total aprovação de Harry.

Lorde Southwold, por sua vez, além de amigo do príncipe de Gales, também tinha uma grande inteligência e tino para negócios, o que lhe valeu o posto de conselheiro financeiro de Sua Alteza. Todos gostavam de Charles

Southwold, que, embora bem mais velho do que o duque e Harry, era um de seus amigos mais chegados.

O casal tinha grande prestígio social, e comentava-se que lady Amy era capaz de transformar num sucesso a festa mais monótona.

O quarto convidado, James Bushly, servira no mesmo regimento que o duque e era quase tão popular com as mulheres como ele. As anfitriãs lutavam pelo privilégio de tê-lo em suas festas e, segundo os mexericos, em suas camas. Tinha tantas à disposição que não lhe sobrava tempo nem vontade para dividir a própria cama com uma esposa.

Bushly costumava dizer que ele, Harry e Dasher eram "Os Três Mosqueteiros".

Os casos amorosos de James duravam mais do que os do duque, mas ele também tinha grande habilidade para se desvencilhar das amantes e das ambiciosas mães das jovens casadouras.

Bushly um dia se tornaria conde de Thame.

Fosse como fosse, o futuro não o preocupava. Assim como o duque, ele sempre dizia que não tinha intenção de casar; e, também como o duque, recebia invariavelmente a resposta de que, cedo ou tarde, precisaria providenciar um herdeiro.

Enquanto isso, aproveitava a vida. Ao ver Lily, deu um sorrisinho malicioso e cochichou no ouvido de Harry:

— Agora entendo o motivo de tanta pressa. Os olhos de Harry brilharam, mas ele não respondeu. Estava pensando que lady Cairns era, sem dúvida, uma das mais adoráveis mulheres que conhecia. Só esperava, para o bem do duque, que houvesse alguma substância por trás de tanta beleza.

Realmente, Lily estava mais linda do que nunca. Tudo a maravilhava: o luxo do vagão particular, a excelente comida, os vinhos finíssimos, a confortável cabine que ocupava e, principalmente, o fato de dormir numa enorme cama, com o brasão do duque na cabeceira.

Dizia a si mesma que era como ter um gênio, capaz de realizar todos os seus desejos.

Não parava de imaginar quanto tempo ainda o duque levaria para propor que se tornassem amantes.

Será que devia se mostrar chocada e protestar que não concebia uma ligação mais íntima sem um anel de compromisso? Não, isso podia assustá-lo demais. Além do que, ela não era uma

jovenzinha inocente, mas uma viúva experiente.

Depois de conhecer seus companheiros de viagem, Lily tinha compreendido uma coisa muito importante: caso se mostrasse muito difícil, o duque podia perder o interesse. O único objetivo de tê-la convidado era seduzi-la, pois, para se divertir de outra maneira, tinha companhia bem melhor. Todos a bordo eram muito mais inteligentes e espirituosos do que ela.

Portanto, devia não só usar sua beleza para manter o desejo dele inflamado como também criar para si mesma uma imagem especial e irresistível.

Misteriosamente irresistível.

Ao chegarem a Marselha, Lily já sabia exatamente o que fazer, e uma noite, durante o jantar, colocou seu plano em ação.

— Costuma usar seu instinto ao fazer negócios? — perguntou a lorde Southwold.

— Meu instinto? Acho que não. Embora às vezes use o que se costuma chamar de intuição.

— E sua intuição vale ouro, Charles — brincou Harry.

— Uma vez ouvi falar de um homem que fez fortuna porque seguiu os sinais das estrelas — disse Lily.

— Que interessante! — comentou Amy. — E como ele fez isso?

— Com a ajuda de um astrólogo.

— Os egípcios acreditavam em astrologia — informou o duque. — Na verdade, os faraós não faziam nada sem consultar os astrólogos do palácio.

— Será que encontraremos algum por lá? — perguntou Amy.

— Estou certo de que deve haver uma horda de charlatães prontos a ler nosso futuro — zombou Harry. — Já ouvi falar que, em Alexandria, usam sangue de galinha para fazer suas previsões.

— Eu não me referia a isso — Lily protestou. — Estava falando de pessoas que têm premonições, como alguns videntes escoceses.

— Mas claro! Eles podem realmente "ver" o que vai acontecer.

— Sim... eu sei, lady Southwold — Lily disse em voz baixa.

O jeito como falou fez Charles olhá-la, curioso.

— Está nos dizendo que tem premonições?

— Às vezes. No começo, não quis acreditar, mas depois as coisas começaram a acontecer e... bem, para mim foi uma surpresa tão grande como para os outros.

— Nesse caso, devo lhe pedir que me ajude com seu poder. Tenho três contratos em vista no momento e gostaria que me aconselhasse sobre quais têm chance de ser bem-sucedidos ou de falhar.

— Posso... tentar, sir Southwold — disse Lily, meio tímida.

Amy deu um gritinho excitado:

— É fascinante! Tem que ver nosso futuro, minha cara.

— Agora estão me assustando. Se eu disser que alguma coisa ruim vai acontecer, podem se zangar e me abandonar no deserto.

— É muito pouco provável — comentou o duque.

Lily notou a expressão dos olhos dele e sentiu a excitação crescer.

Ele a desejava, e tinha certeza de que seu plano para mantê-lo interessado estava dando certo.

O Sereia era muito maior e mais impressionante do que Lily imaginava.

Com exceção do iate real, era o maior barco particular da Inglaterra, e o duque se orgulhava muito dele. Possuía os equipamentos mais modernos, e a decoração, escolhida pela esposa do tal político, era de extremo bom gosto.

Com um sorrisinho de satisfação, Lily descobriu que ocuparia a grande e confortável cabine ao lado da de Dasher.

Passaram a primeira noite a bordo ainda no cais, e o jantar foi uma verdadeira ocasião de gala, com as mulheres usando seus trajes mais bonitos e suas jóias mais preciosas.

Quando todos se retiraram para o salão depois do jantar, lady Southwold disse:

— Espero que esta noite possa nos mostrar um pouco de sua "segunda visão", lady Cairns. Pelo menos, o lugar aqui é calmo e silencioso.

No trem, tinham-lhe pedido várias vezes para ler seu futuro, mas Lily sempre se desculpava, alegando que o barulho das rodas a incomodava e que o movimento do vagão dificultava a concentração.

Agora, sorriu e disse:

— Vou tentar, mas gostaria de não ter mencionado esse assunto.

Sempre achei que premonição não é coisa que se possa ter quando se quer.

Deve acontecer naturalmente, como um raio de luar, e é impossível controlá-la.

Todos se reuniram à volta, atendendo ao chamado excitado de Amy:

— Venham, lady Cairns disse que vai tentar usar seus poderes. Acho que é algo que interessa a todos nós.

— Precisa de algum clima especial para suas exibições? — Harry perguntou.

Algo em sua maneira de falar e no brilho divertido do olhar fez Lily suspeitar de que ele achava que seu único objetivo fosse chamar a atenção do duque. Mas o que Harry pensava ou deixava de pensar não tinha a menor importância. Olhou para Dasher, fingindo embaraço, e ele disse:

— Não ligue para as provocações de Harry. Estou certo de que a clarividência é algo muito sério para você.

— Você... me entende.

— Espero que sim.

Por um momento, os dois se encararam e se esqueceram da existência dos outros. Com esforço, Lily desviou o olhar.

— Seria mais fácil se eu tivesse algo em que me concentrar.

— O quê, por exemplo?

— Não creio que tenham uma bola de cristal a bordo, mas cartas servem.

Depois de consultar a sra. McDonald em Edimburgo, Lily tinha percorrido todas as livrarias, procurando obras sobre clarividência. Assim, ficou sabendo que as cartas eram muito usadas, principalmente as do taro, e aprendeu o significado de cada uma delas. Mas o taro lhe pareceu muito complicado, então decidiu usar cartas comuns. O importante era a encenação.

Estava certa de que imaginação era o segredo do sucesso da sra. McDonald. E isso ela também tinha de sobra. Além do mais, antes de partirem de Londres, havia feito uma discreta pesquisa sobre seus companheiros de viagem.

Por sorte, na véspera da partida conhecera em uma festa um dos maiores mexeriqueiros de

Londres. Quando lhe contou que era convidada do duque, o homem lhe deu preciosas informações que poderiam ser muito úteis agora.

— Vou tentar consultar o destino para lorde Southwold. Só espero que, se ele perder dinheiro por seguir meus conselhos, não me cobre os prejuízos.

Todos riram, e Harry comentou:

— Se Charles perder dinheiro não. tenha dúvida de que dará um jeito de tirar vantagem da experiência, lady Cairns.

O duque trouxe um baralho novo para Lily, e ela sentou-se a uma mesa de jogo.

— Acho que seria embaraçoso se todos ficassem ouvindo. Além do mais, podem rir e perturbar minha concentração. Importam-se de ir jogar bridge e se esquecerem, de lorde Southwold e de mim?

— Boa idéia — disse o duque. — Lady Cairns lerá a sorte de um de cada vez e depois contaremos aos outros as revelações menos pessoais.

James riu:

— Se lady Cairns for fazer revelações sobre Dasher, com certeza levará a noite toda. De modo que sugiro que ele seja o último.

Todos concordaram e foram jogar bridge. Lily abriu o pacote de cartas, embaralhou-as e entregou-as a lorde Southwold.

— Acha mesmo que isso é necessário? — ele perguntou.

— Como eu disse, as cartas ajudam, mas não preciso delas para saber que o senhor tem uma poderosa intuição que nunca deve desprezar.

Fez um rápido e elogioso esboço do caráter de Charles, que, muito vaidoso, não a contradisse. Então, tocou no assunto que o interessava:

— Quanto aos três contratos de que falou, dois estão destinados ao sucesso. O terceiro, por mais promissor que pareça, fracassará. — Deu um sorriso encantador e acrescentou: — Acho desnecessário lhe dizer isso. Tenho certeza de que, inteligente como é, já sabe onde está o problema e que julga seus investimentos como julga as pessoas.

— O que quer dizer?

— Acho que tem uma mente analítica e que seria muito difícil... de fato, impossível... para alguém enganá-lo. E usa esse mesmo discernimento em relação aos negócios.

— Acredito que tem razão.

— Garanto que tenho — Lily respondeu. — Porque é muito modesto, pensa que seu sucesso nos negócios é fruto apenas de eficiência, quando na verdade é muito mais do que isso.

Quando a primeira mão terminou na outra mesa e Harry se aproximou dos dois, Lily estava certa de ter conseguido o primeiro sucesso como vidente.

— É uma mulher muito esperta — disse Charles Southwold, levantando-se com relutância. — Dizem que Napoleão nunca movia suas tropas sem antes consultar um astrólogo e vários videntes, e estou tentado a contratá-la para minha equipe.

— Cuidado — Lily avisou. — Posso aceitar.

Foi a vez de Harry ocupar o lugar diante dela.

Sentia que ele não se deixara impressionar e achava até que estava um pouco hostil.

Lily fez com que ele embaralhasse as cartas e escolhesse três ao acaso. Arrumou sobre a mesa, colocando no centro a que representava

Harry. Então, disse:

— É muito difícil ver alguma coisa, porque o senhor ergueu uma barreira à sua volta. Esta noite, não vou tentar romper a barreira. Esperarei até que abra uma porta para mim.

— Isso significa que não tem nada a me dizer?

— Sim, pelas razões que lhe dei.

— Uma barreira? Que barreira?

— Isso é o senhor quem deve dizer. Só sei que existe.

Os dois se encararam, e ela sentiu que ele a avaliava, como um espadachim calculando a destreza do oponente.

Então, Harry sorriu.

— Espero que seja mais gentil comigo em outra ocasião — disse ele. — Mas entendo que um descrente sempre causa problemas.

— Invariavelmente.

Harry levantou-se, e lady Southwold então comentou:

— Não pode já ter terminado! Ou lady Cairns não tinha nada a lhe dizer?

— Ela me expulsou do templo do conhecimento. Disse que sou um homem de pouca fé.

— Então tomarei seu lugar — falou o duque. — Estou disposto a acreditar em tudo que lady Cairns tiver para me dizer.

Sem esperar resposta, sentou-se diante dela. Porque sabiam que ele esperava por isso, os outros voltaram ao bridge.

O duque disse, com voz baixa:

— Só a senhora pode me revelar se o futuro me reserva aquilo que mais desejo.

— Quer embaralhar as cartas?

— Não há necessidade de cartas. Olhe para mim, Lily, e me diga que a resposta para meu problema é... sim.

Ela apenas olhou-o bem nos olhos e sentiu a excitação dele dominá-la.

Era impossível não ver o desejo no olhar do duque e o convite em seus lábios.

Era o duque de Darieston, o homem com o qual Lily sonhava havia anos, aquele com quem pretendia casar. Mas sua mente astuta avisou que seria um erro render-se tão facilmente.

— Já sonhou que estava no topo de uma montanha ou de uma torre muito alta e se perguntava o que aconteceria se saltasse? Se morreria da queda ou se, por algum, milagre, seria salvo no último momento por asas mágicas?

— Está dizendo que gostaria que as asas estivessem lá, caso desejasse voar? É isso, Lily?

— Sim.

— Nesse caso, não voará sozinha.

A voz dele estava suave e envolvente. Irresistível, na opinião dela.

— Quero que responda, Lily.

Ela o olhou, sem dizer nada, e Dasher acrescentou:

— Como não está acostumada a tomar decisões, decidirei por você.

— Obrigada...

Mais tarde, naquela noite, deitada nos braços dele, Lily disse a si mesma que tinha sido fácil ganhar aquela batalha, mas ainda faltava muito para a vitória final.

O duque elogiara sua beleza, sabia que o excitava, mas tinha consciência de que casamento

ainda não lhe havia passado pela cabeça.

Durante a festa em sua última noite em Londres, Lily ouvira comentários sobre a surpresa de todos por lady Garforth não estar indo para o Egito.

— Egito? — perguntou um cavalheiro que conversava com lady

Rushton. — Meu Deus! Por que Daríeston quer ir até lá?

— Não é uma má idéia seguir o sol.

— E quem vai com ele?

— Não sei ao certo, mas minha cunhada foi convidada.

— Sua cunhada? — O homem pareceu atônito. — Mas pensei que lady Garf...

Calou-se, percebendo que tinha sido indiscreto, mas Lily sabia o que pretendia dizer. Lembrava-se de ter visto Myrtle Garforth com o duque na recepção em Marlborough House. Havia outros cavalheiros com eles, mas Lily notou o modo como Myrtle olhava para Dasher.

No caminho de volta da festa, ficou sabendo que lady Garforth era viúva e que, portanto, não havia impedimento para que o duque casasse com ela.

— Tenho de ser cuidadosa. Muito cuidadosa! — disse a si mesma.

Mas era difícil pensar direito, quando os lábios de Dasher procuravam pelos dela e suas mãos lhe acariciavam todo o corpo. A mulher que havia dito que ele era um amante excitante e fascinante falara a verdade.

Abraçando-o pelo pescoço e atraindo-o para mais junto, Lily jurou a si mesma nunca deixá-lo escapar e fazer o impossível para que ele não pensasse jamais em abandoná-la.

No dia seguinte, o Sereia entrou no Mediterrâneo e ficou bem claro para todos a bordo que o duque tinha feito uma conquista. Passava praticamente o tempo todo com Lily, passeando pela ponte e pelo convés, e à noite ela ia para sua cabine particular, depois que os outros convidados se recolhiam para dormir.

— Você é linda. Ainda bem que a afastei de Londres antes que as adulações e a adoração dos outros homens pudessem virar essa cabecinha.

— Duvido que isso acontecesse. As lisonjas das pessoas erradas não me comovem.

Ele a abraçou e beijou, até Lily perder o fôlego.

— Não acredito que a própria Cleópatra fosse mais adorável do que você — disse o duque no dia seguinte.

Estavam novamente em sua cabine, e Lily folheava distraída os livros sobre o Egito que o duque tinha trazido.

— Fico contente que ela esteja morta!

— Por quê? — perguntou Dasher.

— Porque senão você poderia preferi-la a mim. Afinal, que homem resistiria a uma rainha? E uma rainha capaz de lhe oferecer todos os mistérios do Egito?

— Estou satisfeito com os seus mistérios.

— Ainda não li sua sorte.

— Não quero conhecer o futuro — Se me disser que corridas de cavalo vou vencer, perderá toda a graça. Além do mais, será antiesportivo.

— Não estava pensando em corridas.

— Em quê, então?

— Em você, em seus sentimentos e emoções.

— Isso é muito fácil — disse o duque, abraçando-a com força. — Não preciso de cartas para saber que você me excita, e tudo que me interessa no momento é excitá-la também. .

Beijou-a, e Lily achou que não havia mesmo necessidade de ver o futuro.

Mas os outros não desistiram assim tão facilmente.

Lorde Southwold continuava a querer conselhos. Quando teve uma chance de falar a sós com Lily, disse:

— Gostaria de usar novamente sua "segunda visão", mas parece que até o momento nosso anfitrião conseguiu monopolizá-la.

— Sempre tenho tempo para o senhor, lorde Southwold.

— Obrigado por dizer isso, mas sei muito bem que devo esperar minha vez.

Ela sorriu, encorajadora, e ele acrescentou:

— Tenho um negócio em mente para o qual desejo seu conselho. Se der certo, diga-me qual é sua pedra favorita. Imagino que deva ser esmeralda, pois combina com seu tipo.

— É realmente minha pedra de sorte. — Lily fechou os olhos por um momento e profetizou: — Acho que deve continuar com o que está planejando, mas tenha cuidado. Há um homem no qual não confio. Deve pesar bem tudo que lhe sugerir e usar sua própria intuição antes de se decidir, não importa o quanto ele tente convencê-lo a agir.

Fez uma pausa e, apesar de não abrir os olhos, soube que Charles a olhava fixamente.

— O que mais vê? — ele perguntou, depois de alguns instantes.

— Vejo-o tendo sucesso em tudo que deseja. Falhar é impossível. O senhor é onipotente e infalível. Mesmo assim... tenha cuidado!

— É exatamente assim que me sinto.

O homem exultava. Lily abriu os olhos, pensando que tudo estava sendo fácil demais.

A única pessoa do grupo que não mostrava um mínimo de respeito por seus poderes era Harry. Quando seus olhares se encontraram à mesa de refeições, enquanto lorde Southwold falava dos dons de Lily quase com reverência, ela percebeu que Harry não estava convencido. Sentiu que ele podia e que até queria desmascará-la como uma impostora e charlatã.

Disse a si mesma que estava sendo ridícula e se preocupando sem necessidade. Não havia feito nem dito nada de errado: apenas deixara aquela gente, que tinha um desejo quase infantil de acreditar no destino, pensar que fosse capaz de prever o futuro. De uma certa forma, estava ajudando todos eles, pensou Lily, ao voltar para sua cabine.

São tão ricos, tão importantes... Minhas previsões os deixam a salvo da pobreza, da solidão e do medo.

Um estremecimento sacudiu seu corpo ao se lembrar de como ela e o pai tinham sido pobres e, depois, de seu medo ao perceber que sir Ewan estava à morte e não lhe deixaria quase nada.

Só não se encontrava novamente na miséria porque tinha tomado providências.

Enquanto o marido se achava preso ao leito, Lily, discretamente, selecionou alguns objetos de arte do castelo e, mais discretamente ainda, mandou-os para Edimburgo. Conhecia lá um homem que negociava com antiguidades.

Contou-lhe uma longa e complicada história sobre ter herdado as peças, que, para a família, tinham mais valor sentimental do que financeiro.

— Mas, como me encontro em uma situação delicada e, ao mesmo tempo não quero magoá-

los, gostaria que o senhor vendesse tudo discretamente.

Ninguém deve ficar sabendo — pediu, quase com lágrimas nos olhos.

— Compreendo, senhora, e prometo providenciar para que as peças vendidas sejam enviadas imediatamente para lojas na Inglaterra.

Lily entregou-lhe pequenas caixas e objetos de prata dos quais dificilmente alguém daria pela falta, e até algumas pinturas não catalogadas no inventário do castelo. Conseguiu por elas uma soma surpreendentemente alta.

Quando sir Ewan morreu, Lily vendeu o relógio de ouro dele, vários pares de abotoaduras e algumas pérolas de gravata.

Alister chegou a lhe perguntar por essas jóias.

— Não faço idéia de onde estejam — respondeu, muito calma. — Mas o antigo criado de quarto de seu pai morreu há cinco anos e Ewan não gostou de seu substituto, por isso o despediu. Quem sabe?...

Alister apertou os lábios.

— Imagino que não adiante avisar a polícia para procurar o homem, não é?

— Penso que não. Antes de partir, ele me disse que pretendia ir para a Austrália, pois tinha parentes lá.

Lily sabia que Alister não se daria ao trabalho de perseguir o provável ladrão até tão longe, e assim o dinheiro obtido na venda das jóias "desaparecidas" foi também para sua conta secreta.

No entanto, por mais que tivesse, era uma gota no oceano comparado com a grande fortuna do duque, de lorde Southwold e da maioria de seus amigos.

Charles costumava provocar Harry, chamando-o de "solteiro rico que só gasta dinheiro consigo mesmo", e James, apesar de não parecer ter muito no momento, esperava receber uma grande herança.

Eles faziam Lily sentir como se tivesse descoberto a caverna de Aladim. E a maior de todas as riquezas, claro, era o duque. Já se imaginava freqüentando a aristocracia, usando uma tiara nos cabelos ruivos, com diamantes no pescoço e braceletes faiscando nos braços aos menores movimentos.

A duquesa de Darleston! Era o que queria ser. Além do título, teria o homem mais viril e fascinante que conhecia.

E o mais inconquistável, também.

O pensamento lhe veio de repente e a assustou. Enquanto esperava por ele em sua cabine, Lily teve medo, pela primeira vez, de que o coração a traísse.

CAPITULO IV

O duque estava sozinho no convés.

Era muito cedo, e os raios de sol, vencendo as nuvens e a neblina, davam a tudo uma luminosidade estranha, meio mística.

Naquele momento, Dasher compreendia por que os antigos egípcios adoravam o deus Sol.

Quanto mais avançavam pelo delta do Nilo, que era em forma de lótus, e pelo rio

propriamente dito, mais fascinado ficava com o exótico país.

Agora, o Nilo cortava quilômetros e quilômetros de terras muito verdes, com campos de tabaco e algodão, palmeiras e plantações de feijão.

Ervilhas-de-cheiro cresciam na lama castanho-avermelhada das margens. A distância, o deserto brilhava, dourado.

A medida que seguiam para o sul, o rio se tornava misteriosamente vazio. De vez em quando, um crocodilo cortava silenciosamente a água, mas na maior parte do tempo havia apenas os pássaros.

Vez ou outra passavam por vilarejos com. casas feitas de barro e sombreadas por palmeiras e camponeses vestindo longos trajes de algodão branco, do mesmo tipo que seus ancestrais usavam fazia milênios.

Mas o que mais interessava o duque era que logo avistaria os templos e estátuas erguidos pelos faraós em Tebas.

Não podia explicar por que estava tão ansioso ou qual o motivo da estranha excitação que o dominava. Era quase como se aquele lugar lhe fosse familiar. Por isso, não concordara quando o grupo quis parar e se divertir no Cairo, insistindo em continuar em direção a Luxor. Visitaram rapidamente as pirâmides, mas o duque se recusou a alterar seus planos.

Só Amy Southwold aprovou com entusiasmo a decisão de seguirem viagem, pois isso significava que Charles teria mais tempo para descansar no convés, lendo ou dormindo.

Todas as noites, depois do jantar, lorde Southwold insistia para que Lily usasse sua "segunda visão" para aconselhá-lo em questões financeiras.

— Tome cuidado — avisou o duque. — Se olhar à sua volta, verá que até os grandes impérios podem desmoronar, não deixando em seu lugar nada além de pedras e ruínas.

— Ainda vai demorar muito para o império de lorde Southwold desaparecer — disse Lily. — Na verdade, ainda nem chegou ao apogeu.

Tinha percebido que, quando falava assim, com os olhos semicerrados como se olhasse para algum ponto do futuro, Charles acreditava cegamente.

E os outros também pareciam impressionados.

No que dizia respeito ao duque, achava-a tão linda que pouco se importava com o que dizia. Observava os lábios dela porque os achava adoráveis de beijar, e não porque faziam profecias que só o tempo poderia ou não confirmar.

Embora Lily fingisse entender o desejo dele de ir para o Sul, sem interromper a viagem, lamentava intimamente não ter tido a chance de visitar as lojas do Cairo. Especialmente as joalherias.

Lorde Southwold havia se referido várias vezes à promessa de lhe dar esmeraldas, e o duque, notando que possuía poucas jóias e bem inferiores às de lady Amy, prometera presentear-las com diamantes que brilhassem tanto quanto seus olhos.

— Não sei como uma mulher pode ser tão linda — disse ele mais de uma vez. — Como era sua mãe?

Lily sentiu medo só de pensar, como ele ficaria horrorizado se soubesse a verdade. Em vez disso, mentiu, fingindo tristeza:

— Oh, não me lembro. Morreu logo depois que nasci. Mas papai sempre disse que era uma criatura adorável.

— Então você deve ser parecida com ela. Mas se seu pai era inglês, como conheceu seu marido?

— Papai sempre ia caçar na Escócia e, quando eu tinha dezessete anos, ele me levou. Meu marido costumava dizer que se apaixonou no minuto em que me viu.

— O que não é de admirar.

— Foi muito romântico.

— Ele era muito mais velho do que você?

— Muito mais. Acho que, de certa forma, eu o via como um pai carinhoso. Nunca amei... de verdade... até conhecer você.

Sua confissão hesitante fez o duque beijá-la apaixonadamente e, para alívio de Lily, não falaram mais de seu passado.

No entanto, ela sabia que, para ser duquesa, precisava fazer com que todos acreditassem que tinha antecedentes inatacáveis. Por isso, inventara vários parentes famosos, todos já mortos, claro, e que teriam vivido em ilhas britânicas, para justificar o fato de o duque e os amigos nunca terem ouvido falar deles.

— Comentava-se que a família de minha mãe descendia do rei da Irlanda — contou certa vez à mesa do jantar. — E meu marido acreditava, que os Cairns descendiam de um dos reis da Escócia.

— Então não é de surpreender que a senhora tenha poderes de vidência — lembrou lord Southwold. — Sangue irlandês e escocês formam uma mistura explosiva e mística.

— E grandes beberões — comentou Harry, com um sorrisinho malicioso.

Todos riram, mas Lily chegou à conclusão de que cada vez gostava menos dele.

Estava certa de que era a única pessoa a bordo que duvidava de seus poderes e suspeitava também de que não aprovava sua ligação com o duque.

Achava, no entanto, que ele jamais comentaria isso com o amigo, pois sua antipatia por ela pareceria gratuita, já que Lily não se cansava de dizer ao duque como gostava de todos os seus amigos... em especial de Harry.

Ela ainda não havia percebido que tudo que conversava com Dasher entrava por um ouvido e saía pelo outro, como costumava dizer a velha babá dele. Para o duque, Lily não passava de uma entre tantas belezas daquela viagem, e sua aura de mistério nem sequer se comparava com a estranha sensação que o dominava, à medida que navegavam para o Sul: a impressão de estar voltando ao próprio passado.

Dasher já havia lido quase todos os livros que comprara sobre o Egito, mas ninguém a bordo tinha ainda reparado que não comentava mais sobre o que lia.

Se Lily fosse um pouco mais astuta, teria percebido o significado disso. Mas, satisfeita com o aparente progresso de seus planos, não compreendeu que o pensamento dele vagava por novos caminhos, quase opostos a tudo que o interessava até então.

Os livros suscitaram centenas de perguntas para as quais o duque não encontrava resposta, e ele havia decidido que, ao voltar para Londres, visitaria o Museu Britânico e procuraria um egiptólogo capaz de lhe explicar muitas coisas que o confundiam.

Mas, se todo o resto era mistério, de uma coisa pelo menos estava certo: o centro mais importante do império egípcio era Tebas, e seu maior tesouro Luxor, para onde se dirigiam.

O duque insistira para que o iate, que passava as noites ancorado para não perturbar o sono

dos passageiros, partisse muito cedo naquele dia, pois queria ver Luxor ao romper da aurora.

Agora que o sol surgia, banhando de um cor-de-rosa pálido as colinas rochosas de Tebas, o duque compreendia que estava diante do cemitério dos faraós, o lugar chamado de Vale dos Reis.

Na margem oriental do Nilo, os pilares de um templo apareciam recortados contra o céu azul. Quando se aproximaram, ele viu que um lance de degraus de mármore branco levava ao interior do templo e sentiu um desejo irresistível de entrar lá, mas sozinho.

Não sabia explicar por que não queria a companhia de ninguém. Sentia apenas que qualquer outra pessoa poderia perturbar a atmosfera do lugar.

Ou seu próprio estado de espírito.

Ordenou que ancorassem o iate na margem oposta ao templo.

Quando os outros passageiros apareceram, bem mais tarde, ficaram encantados com a vista das ruínas, das palmeiras e das embarcações em forma de cimitarra que singravam o rio.

O Sereia foi olhado com admiração e curiosidade, principalmente pelas crianças que nadavam nuas no Nilo.

Como fazia muito calor, todos concordaram com a sugestão do duque de só irem à terra depois do almoço.

Parecendo muito fresca e deslumbrante com um vestido de musselina e renda brancas e com um largo chapéu sombreando o lindo rosto, Lily não estava mesmo disposta a fazer nada que exigisse algum esforço. Detestava calor e tinha medo de se queimar demais, pois a pele avermelhada pelo sol não combinava com a cabeleira ruiva.

Quando finalmente foram para a terra no bote do iate, ela imediatamente procurou a sombra da varanda do Winter Palace, o luxuoso hotel ao lado das ruínas, e acomodou-se languidamente em uma espreguiçadeira, sem a mínima disposição de sair dali.

— Que tal uma pequena exploração? — ouviu James perguntar ao duque.

— Amanhã, Jimmy. Não há pressa. Pretendo ficar alguns dias aqui. Se quiserem uma mudança de cardápio, sugiro jantarmos hoje no Winter Palace.

— Seria ótimo — disse Amy. — Dei uma olhada na lista de hóspedes e, embora muitos ainda não tenham chegado, conheço várias pessoas que têm reservas para esta semana.

— Então, devemos convidá-las para o iate — sugeriu o duque. — A última coisa que desejo é que se aborreçam só com a minha companhia.

— Como pode dizer isso? — perguntou Lily, suavemente.

O jeito como olhou para ele revelou que nunca se sentiria aborrecida a seu lado.

Estava mais fresco e já escurecia quando se prepararam para voltar ao Sereia. Todos já se haviam acomodado no bote que os levaria para o iate quando o duque disse, inesperadamente:

— Vão na frente. Mais tarde me reunirei a vocês. Primeiro, quero esticar um pouco as pernas.

— Não quer que eu vá com você? — perguntou Harry.

— Não. Por favor, cuide de todos por mim.

Afastou-se rapidamente, antes que Lily pudesse dizer alguma coisa, e ela franziu a testa, preocupada. Não gostava da idéia de deixá-lo sozinho.

Por outro lado, não tinha nenhuma vontade de andar naquele lugar poeirento. Apesar de estar bem mais fresco do que uma hora atrás, qualquer exercício lhe seria exaustivo.

Já o duque, ao contrário, precisava se exercitar. Notara como ele costumava nadar todas as manhãs, apesar dos avisos de seus convidados de que podia ser atacado por crocodilos.

"Uma caminhada lhe fará bem", consolou-se Lily. E quando voltar para bordo me encontrará mais bonita do que nunca.

Assim que chegou ao iate, ela foi direto para a cabine, para vestir um traje diáfano que revelava cada curva de seu corpo.

Depois, em vez de se reunir aos outros no salão, dirigiu-se para a cabine particular do duque, deitou-se no sofá e ficou esperando por ele.

Finalmente sozinho, o duque caminhou apressado ao longo da margem do rio. O dia inteiro tinha esperado por aquele momento, e tentava se lembrar do que havia lido sobre o templo de Luxor.

Imaginava que, por ser tarde, os turistas já teriam visitado as ruínas e voltado para o hotel. Ao se aproximar do templo, notou, aliviado, que não havia realmente ninguém nas imediações.

Os maciços pilares da entrada eram franqueados por seis colossais estátuas de Ramsés II em excelente estado de conservação. Dasher entrou no imenso salão principal cercado por uma dupla fileira de colunas, que, pelo que havia lido, levavam a outro grande salão ao ar livre.

Por alguns minutos ficou parado, deixando-se envolver pela atmosfera do lugar, quase como se usasse algum sexto sentido.

Lentamente e em silêncio caminhou até onde os altos pilares brancos projetavam sombras negras no chão de areia.

Estava olhando para o interior de uma pequena câmara que dava para o rio quando viu o perfil de uma mulher.

A princípio, não teve certeza se era real ou uma figura gravada em um dos pilares. Só sabia que o perfil era egípcio, com o nariz e queixo pontiagudos.

Parou olhando para ela, pensando estar sonhando e ao mesmo tempo consciente de que aquela fosse uma beleza imortal.

Então, ela se moveu e ele percebeu que, como seu corpo estivesse na sombra, até então só tinha podido lhe ver o rosto.

Dasher aproximou-se. Agora, saindo do devaneio, notava que era muito jovem, pouco mais do que uma menina.

Seu vestido, que se confundira com a sombra, era de um azul-escuro, e os cabelos, nem pretos nem louros, mas de um tom diferente e estranho, que lembrava o das pedras cinzentas banhadas pelo sol.

Mesmo sem vê-lo ou ouvir seus passos abafados pela areia fofa, a moça pareceu sentir sua presença e virou o rosto. Então Dasher se viu diante de um fantástico par de olhos azuis.

Instintivamente, ele parou.

Os dois se encararam por um longo momento.

— Desculpe-me se a assustei — disse o duque. — Não tinha percebido que havia mais alguém aqui.

Por um momento o duque pensou que ela não fosse responder. Então a moça falou, em voz baixa e musical:

— Há poucos visitantes a esta hora.

— Era o que eu esperava.

Aproximou-se e notou que ela estava olhando, por entre duas colunas, para a estranha paisagem do Vale dos Reis.

Porque sentiu que deveria dizer alguma coisa, Dasher comentou:

— É muito jovem para se interessar pela morte.

Ela tornou a olhar para as misteriosas e distantes colinas, cujos picos o sol poente banhava de um tom de rosa profundo.

— A palavra egípcia para "túmulo" significa "casa da eternidade" — falou, depois do que pareceu para o duque um longo silêncio.

— Eles acreditavam em vida depois da morte?

— Claro. E como tinham uma idéia muito precisa de como era, levavam com eles tudo que achavam que poderiam precisar no novo mundo para onde iam.

O duque pensou que esse fosse o tipo de coisa que queria aprender e não encontrara nos livros. Estes se limitavam a registrar listas intermináveis de faraós e longas descrições dos estranhos deuses que adoravam.

— Diga-me em que mais os egípcios acreditavam.

— Que a sobrevivência da alma dependia da conservação do corpo — respondeu a moça.

— Se o corpo perecia, o espírito também.

Para Dasher, isso explicava muitas coisas que até então não tinha entendido.

Agora sabia por que os antigos egípcios escondiam seus faraós em tumbas secretas, junto com seus objetos pessoais, roupas, jóias, móveis, carruagens e até comida.

— Eram um povo feliz — disse a moça, suavemente. — Há quem os considere cruéis com os escravos que construíram as pirâmides, tiranos com aqueles que os serviam e pecadores na vida particular... mas não é verdade

— Como sabe tanto sobre eles?

Ela sorriu, e o duque achou que era adorável; a mais adorável mulher que conhecia, embora muito diferente de seu ideal de beleza.

A moça parecia estar no lugar certo, como se pertencesse àquele ambiente, coisa que ele havia percebido desde o instante em que a viu.

— Vivo aqui — ela disse em resposta à sua pergunta, e o duque a olhou, surpreso.

— O ano inteiro?

— Sim. Pelo menos, desde que meu pai veio para Luxor.

— E antes disso?

— Viajamos pelo país, às vezes acampando no deserto.

A surpresa dele se transformou em perplexidade. Ela parecia tão refinada e frágil, com suas feições delicadas e mãos pequenas, que não conseguia imaginá-la enfrentando o calor e o desconforto das areias intermináveis.

— Seu pai é egptólogo? — perguntou, como se isso explicasse tudo.

Ela sorriu novamente.

— No fundo do coração, ele é, sim. Mas veio para o Egito há alguns anos como missionário. Esse é seu verdadeiro trabalho.

— Um missionário?

O duque achava difícil de acreditar. Sempre havia pensado em missionários como homens incansáveis que interferiam na religião dos nativos e geralmente impunham sua presença em

países onde não eram desejados. E ninguém se parecia menos com a idéia que fazia da filha de um missionário do que aquela adorável criaturinha.

— Fala como se seu pai não fosse um missionário muito bem-sucedido.

Ela deu uma risadinha musical que soou aos ouvidos dele como o sussurro das folhas dos pinheiros, sopradas pela brisa que vinha do rio.

— Infelizmente, papai se apaixonou pelo Egito. Acontece frequentemente. As pessoas se deixam envolver a tal ponto pela história deste país que é como se estivessem sonhando e não conseguissem acordar.

Era exatamente assim que o duque se sentia.

— Gostaria de conhecer seu pai. Acho que ele poderia me contar várias coisas que quero saber e não entendo.

— É uma pena! Meu pai está doente há duas semanas. Com febre.

Olhou para o duque e, então, como sentindo que devia uma explicação, disse:

— Fico com ele à noite, e os criados cuidam dele durante o dia, enquanto durmo, e depois venho até aqui.

— Ele já consultou um médico? A moça sacudiu a cabeça.

— Papai é médico, e eu também entendo um pouco de medicina. Já fizemos tudo que era possível, mas as febres do Nilo são difíceis de curar e muito contagiosas. Por isso, o senhor não deve entrar em contato com ele.

Olhou para o duque e imaginou que talvez ele receasse que ela também estivesse infectada. Rapidamente, explicou:

— Acho que sou imune. Já tratei de muitas crianças e mulheres com febre, mas nunca fiquei doente.

— Não consigo imaginá-la fazendo coisas assim. Quando a vi, pensei que não fosse real, mas um rosto esculpido na pedra do pilar em que estava recostada. O rosto de uma mulher que havia vivido milhares de anos atrás.

Ela não disse nada, e ele acrescentou:

— Talvez você tenha vivido aqui no passado.

Quando acabou de falar, achou que fosse uma coisa muito estranha de dizer e que provavelmente ela não responderia a tal tolice. Ou riria dele. Em vez disso, a moça falou:

— Sei que vivi. E o senhor... também.

O duque estremeceu e olhou-a, incrédulo. A moça acrescentou, depressa:

— Não devia ter dito isso. Desculpe-me. Agora, preciso voltar para meu pai.

Afastou-se do pilar, e Dasher reparou em seu corpinho gracioso e flexível e na cintura muito fina. Realmente, parecia-se muito com as figuras esculpidas no templo.

O vestido que usava não estava na última moda. O corpete era todo abotoado até o pescoço e não tinha nenhum enfeite.

No entanto, apesar de tanta simplicidade, ela possuía uma graça e um porte que combinavam com a beleza grandiosa à sua volta.

— Por favor, não me deixe — ele pediu. — Se não posso ver seu pai, gostaria que você respondesse às perguntas que me perturbam. Prometo ser um aluno interessado. Esta terra me atrai de uma maneira irresistível que não consigo entender.

Como desejava tão desesperadamente que ela ficasse, o duque usou todo o seu charme, que

nunca havia falhado no passado.

Ela o olhou, indecisa.

— Fale-me sobre o templo — ele insistiu. Sentia que o que a preocupava era o fato de ter dito, sem querer, alguma coisa muito pessoal.

Agora, feito uma criança que faz algo errado, a moça queria fugir dali e esquecer tudo.

— O que já sabe sobre ele?

Dasher achou que ela tentava parecer despreocupada, como se não falasse de nada importante.

— Devo confessar minha colossal ignorância.

Ela deu uma risadinha e caminhou lentamente para o centro do salão.

O duque seguiu-a, dizendo:

— Acho que devemos nos apresentar. Sou o duque de Darleston, e só cheguei esta manhã em meu iate, que você pode ver ancorado do outro lado do rio.

— Já havia reparado nele.

Como se pudesse ler os pensamentos dela, Dasher soube que comparava o Sereia desfavoravelmente com os grandes barcos dos faraós.

Ou, talvez, com a fantástica embarcação a remo que levava Cleópatra através do Nilo ao encontro de Marco Antônio.

Também sentiu que, para ela, um duque pouco significava, comparado a um faraó.

— Agora, me diga seu nome — pediu ele. — Irida — ela respondeu, com um sorriso. — Combina com você. E o sobrenome?

Achou que ela hesitou, antes de responder:

— Garron.

Talvez por não querer mais falar de si mesma. Irida começou a descrever detalhes interessantes do salão principal.

O duque ouvia com atenção, mas tinha a impressão de que ela falava quase como um guia, sem o envolvimento de pouco antes.

— Fizeram algumas escavações aqui — disse Irida. — E ainda resta muito a fazer. Como pode ver, o templo foi, através dos anos, adaptado para outras religiões.

— Um estranho contraste. Ainda assim, acho que todas as religiões são boas para quem acredita nelas.

— Claro que são! É absurdo um estrangeiro tentar impor sua religião a quem já tem a própria fé.

— Se seu pai também pensa assim, posso entender por que desistiu de ser missionário para se concentrar no Antigo Egito.

— Não disse que ele fez isso — comentou

Irida, rapidamente.

— Então, talvez eu tenha lido seus pensamentos.

— Isso é uma coisa que... não deve fazer.

— Por que não?

— Porque os pensamentos são uma parte muito íntima da pessoa, e lê-los é uma intromissão.

— Não acho que eu alguma vez tenha sido capaz de fazer isso. Mas, ainda há pouco,

enquanto você falava, senti que deixou muita coisa por dizer. E creio que sentiu o mesmo a meu respeito.

Ele próprio se surpreendeu com essas palavras, que pareceram lhe vir aos lábios involuntariamente.

— Como pode... dizer isso?

— Talvez você tenha posto um feitiço em mim — respondeu o duque.

— Ou talvez seja o próprio templo. Só sei que me sinto como se tivesse atravessado a barreira que separa um mundo de outro, e, agora, este é muito mais real para mim do que o mundo que acabei de deixar.

Ela se virou bruscamente para encará-lo, e o sol poente colocou reflexos de ouro em seus cabelos.

— Você me assusta — Irisa murmurou. — Assim que o vi, pensei que estivesse sonhando. Mesmo quando falamos um com o outro continuei achando que sonhava. Agora, estou bem acordada e quero... que vá embora e... esqueça que me conheceu.

— Por que eu deveria fazer isso? Quero falar com você. Se acredita em destino, como acho que acredita, sabe que não foi por acaso que vim aqui hoje, sozinho. E sabe também que estava esperando por mim.

— Eu não... o esperava...

Parou de falar e fez um gesto de desamparo, como se fosse impossível negar as palavras dele.

— Vamos aceitar que os deuses, ou seja lá o que for que rege nossos destinos, nos trouxeram aqui juntos com algum propósito — o duque se apressou em dizer. — No que me diz respeito, acho que foi para descobrir tudo que os livros não dizem a respeito do Egito. Principalmente, que o passado continua no futuro.

Percebeu que suas palavras a comoveram: Irisa juntou as mãos e disse:

— Eu entendo, porque também penso assim. Há tanto aqui para se aprender, se estivermos preparados para ouvir e ver... Tanta coisa que pode ajudar o povo deste e de outros países...

— Então, comece me ensinando o que devo saber. Talvez eu possa levar isso ao conhecimento das pessoas certas.

— Acha que pode?

— Espero que sim. Mas, primeiro, tenho de estar totalmente convencido da veracidade do que vou dizer.

— Sim, claro. Mas talvez eu não seja a pessoa ideal para lhe ensinar.

Se pelo menos papai estivesse aqui agora...

— Acho que devemos ir com calma — disse o duque. — Para mim, o primeiro passo é ouvir uma deusa chamada Irisa.

Ela sorriu, entendendo que ele a comparava à deusa íris, representada em várias colunas do templo. Levou-o então além do altar onde havia onze estátuas do faraó em granito vermelho e, entre elas, uma miniatura da rainha Nefertiti.

Irisa não disse nada; apenas parou, e o duque olhou para a estatueta, exatamente como ela esperava que fizesse.

A rainha era muito linda e sorria, sem no entanto perder a altivez e a dignidade reais.

— Esta era você em uma outra encarnação? — Dasher perguntou, baixinho.

- Não.
- Quem, então?
- Não quero falar sobre isso agora.
- Mas falará em outra ocasião?
- Talvez.

Irisa hesitou, e ele sentiu que era por timidez. . Continuaram percorrendo o templo, admirando os alto-relevos que mostravam o esplendor das procissões que aconteciam entre os templos de Luxor e Karnac.

— Quero ver Karnac amanhã — disse o duque. Olhou para ela, e Irisa compreendeu que era um pedido para acompanhá-lo.

— Eu o mostrarei a você — prometeu, depois de um momento. — Mas o templo não é tão bonito como este, nem tem a mesma atmosfera.

— Depois que o visitarmos, eu lhe direi o que senti.

Dasher estava certo de que precisava mantê-la a seu lado, ou ela poderia ir embora e nunca mais voltar. Mas já anoitecia, e deviam se separar.

- Eu a levo para casa.
- Não há necessidade.
- Mas é algo que quero fazer. Não acho seguro que ande por aí sozinha.
- Nenhum mal pode me acontecer. Todos me conhecem e respeitam papai.
- Mesmo quando ele tenta convertê-los?
- Temo que não tente com muito afinco. Não atualmente.
- Então o que seu pai faz?

O duque pensou que ela não fosse responder, mas, depois de alguns segundos, Irisa disse:

— Desde que chegamos aqui, ele tem se interessado pelas escavações e descobertas feitas nas tumbas.

— Posso entender isso.

— Ele acredita que ainda há muito por descobrir e que os ladrões estão em grande atividade desenterrando tesouros que vendem aos turistas.

Principalmente aos americanos.

— No entanto, ouvi dizer que muitos pesquisadores acham que não há mais nada a descobrir.;

— Papai não acredita nisso... nem eu.

— Por que não?

— Porque sabemos, através de documentos traduzidos recentemente, que muitos faraós foram enterrados em segredo em túmulos muito abaixo das rochas, onde nem os ladrões conseguiram chegar ainda.

— Mas acabarão chegando, não?

— É o que papai teme. .

— E você?

— Eu me contento em voltar ao passado e tentar imaginar como teriam sido esses reis e rainhas.

— Disse que eram felizes.

— Sim, um povo muito feliz.

— E você? Também é feliz?

Ela sorriu em resposta, e ele achou que seu sorriso, apesar de lembrar o da rainha Nefertiti, era muito mais adorável.

— Sim, sou feliz!

Só bem mais tarde ele pensou que coisa estranha era encontrar a filha de um missionário, obviamente pobre, vivendo num país estrangeiro, aparentemente sem amigos e tendo o pai como única companhia, e essa moça se dizer feliz com o pouco que tinha.

Agora Irida o conduzia para a parte de trás do templo, onde havia palmeiras e dunas. Mais adiante, crianças brincavam perto de uma casa baixa e comprida, feita de madeira e com uma varanda em toda a volta.

Acima da varanda havia uma cruz.

— Então é aqui que você mora! — disse o duque.

— Não posso convidá-lo a entrar. — Irida parou junto aos degraus da entrada. — Não quero que pegue a febre do Nilo.

— Estou grato por pensar no meu bem. Ela estendeu a mão, que ele segurou.

Pela primeira vez Dasher pensou que não fosse nada convencional e até pouco seguro ela não estar usando chapéu. Em vez disso, os cabelos formavam um coque na nuca, preso por pentes e por um laço de fita azul. De certa forma, isso não combinava com a severidade do vestido.

— Não posso lhe dizer como estou contente por encontrá-la e agradecido por tudo que me ensinou em tão pouco tempo.

Falou com uma emoção que chegou a surpreendê-lo, e quando a moça baixou os olhos, compreendeu que a deixara sem jeito.

— Vou esperar por você amanhã, no mesmo lugar.

Pensou que ela não fosse concordar, pois demorou a responder, e acrescentou, ansioso:

— Por favor, não falte!

— Talvez eu não... possa ir.

— Isso não é verdade. Disse-me que costuma dormir durante o dia. Então por que não poderia se encontrar comigo no fim da tarde, como hoje? Ou um pouco mais cedo, se formos a Karnac?

— Tentarei estar lá.

Afastou-se dele, mas o duque continuou a segurar sua mão.

— Quero que prometa, Pelo deus, seja lá qual for, que os egípcios costumavam invocar num momento como este.

Um rápido sorriso passou pelos lábios de Irida, que respondeu, depois de pensar um pouco:

— Thoth é o deus da prudência.

— E também da verdade — acrescentou o duque. — Pois quero que jure por Thoth que irá se encontrar comigo amanhã e não me deixará esperando, imaginando que sonhei com o que aconteceu hoje e com medo de vir procurá-la aqui e descobrir que a casa desapareceu.

— Acho que não devemos incomodar os deuses com um assunto tão trivial. Irei, se meu pai estiver se sentindo bem. Caso contrário, mandarei um mensageiro avisá-lo.

— Obrigado.

Seus olhos se encontraram. Como se só então ela se desse conta de quem ele era e de sua importância, Irida fez uma reverência.

— Boa noite, Vossa Graça. — E subiu os degraus de madeira.

O duque esperou que ela chegasse à porta e olhasse para trás. Nunca havia conhecido uma mulher que se afastasse dele sem um último olhar. Por isso, esperou, pronto para sorrir e acenar.

No entanto, Irida atravessou a varanda e passou pela porta entreaberta, deixando-o apreensivo, com a sensação de que, aquilo que os deuses dão, os deuses podem tirar, e talvez nunca mais tornasse a vê-la.

CAPÍTULO V

O duque acordou cedo e ficou deitado, planejando o que faria durante o dia.

Na véspera, ao voltar para o iate, teve dificuldade para participar da conversa e dos risos de seus convidados.

Estavam todos sentados no convés, tomando champanha, e, assim que percebeu a ausência de Lily, ele soube onde ela devia estar.

No entanto, não queria vê-la nem tocá-la. Por isso, esperou até a hora de trocarem de roupa para o jantar e, de propósito, foi direto para o quarto de sua cabine, sem passar pela saleta particular, onde o criado o esperava e já havia preparado seu banho.

Sabia que Lily poderia ouvi-lo conversando com o empregado e entenderia que não tinha tido vontade de procurá-la.

Apesar de esperar inutilmente por Dasher durante tanto tempo, ela não demonstrou ressentimento ou reprovação quando se encontraram no salão antes do jantar.

Em vez disso, tinha escolhido um de seus vestidos mais atraentes para provocá-lo. Era branco, como todas as suas roupas, mas de corte bastante elaborado e sofisticado. Lily usava também todas as jóias que possuía e que faiscavam como estrelas sobre sua pele alva.

Planejara pedir ao duque para levá-la até o convés, enquanto os outros estivessem jogando bridge. Mas, para sua surpresa, assim que o jantar terminou, ele se sentou a uma das mesas de jogo e desafiou lord Southwold para uma partida.

Apesar de todos os esforços, Lily não conseguiu chamar a atenção de Dasher. Como último recurso, começou a flertar com James Bushly, esperando assim provocar ciúme no duque.

Quando finalmente todos se retiraram para as cabines, ela esperou que ele a procurasse, como fazia todas as noites. Mas, à medida que as horas passavam, compreendeu que, por alguma razão, Dasher perdera o interesse por ela. Pelo menos por aquela noite.

O duque nem sequer se lembrou de que Lily esperava por ele. Todo o tempo em que jogava bridge, ansiava por ficar sozinho e poder pensar com calma nas coisas estranhas que lhe haviam acontecido no templo de Luxor e na moça que abria sua mente para novos horizontes desconhecidos.

Não se tratava apenas do que ela havia dito, mas do que era. Chegava mesmo a pensar que o tivesse enfeitado.

Antes do jantar, tinha pedido ao criado que providenciasse para que seu café da manhã fosse servido bem cedo, na cabine, e para que dois cavalos e um guia estivessem prontos à sua espera. Queria explorar a região e não tinha a menor intenção de montar as pequenas mulas postas à disposição dos turistas.

Era muito cedo e todos ainda dormiam quando ele saiu para o convés e olhou para as montanhas rosadas de Tebas.

Os cavalos estavam prontos, e o guia era um homem alto e moreno, muito simpático, vestido com o traje tradicional de túnica branca tradicional, uma capa escura e turbante.

Depois de cumprimentar respeitosamente o duque, ele o conduziu na direção das colinas.

Como na véspera, Dasher sentiu o encantamento do lugar envolvê-lo.

Ao avistar mais adiante o Vale dos Reis, lembrou-se de que Irisa tinha dito que as tumbas eram "casas da eternidade". O sol já estava alto e fazia muito calor, mas o desconforto físico não o afetava; era em sua mente que se concentrava.

Tinha mandado o criado avisar o guia para não conversar, limitando-se a responder suas perguntas. Assim, viajaram em silêncio, até que o homem apontou para o lugar onde uma enorme cabeça de granito escuro estava caída no chão. O duque logo percebeu que devia pertencer a uma das colossais estátuas de faraós que existiam nos templos. Não estava interessado em a quem pertencia.

O guia falou, suavemente:

— Ramsés II disse: "Fiz pelos deuses tanto quanto pelos homens e não tomei posse de nada que pertencesse a outra pessoa".

Seguiram adiante, até encontrarem um templo surpreendentemente bem conservado, que, segundo o guia, tinha sido construído para a rainha Hatshepsut.

O homem estava obviamente ansioso para que o duque apeasse e visitasse o lugar, cujo pórtico de entrada era sustentado por vários pilares cobertos de inscrições em vermelho e turquesa e reproduções de deuses e deusas com suas estranhas cabeças de animal.

Mas Dasher, mais uma vez, não tinha interesse em detalhes. Só queria ver, pensar e, acima de tudo... sentir.

Quando soube que o duque havia deixado o iate de manhã bem cedo, Lily ficou aborrecida.

Estava tão certa de que ele a achava irresistível! O calor de sua paixão física lhe dera uma falsa sensação de segurança, e agora sentia-se alarmada.

Mesmo assim, achava que não havia ainda nada de concreto a temer.

Ele tinha saído para cavalgar acompanhado apenas de um guia, e as únicas mulheres que podia encontrar no Vale dos Reis eram estátuas ou múmias.

Sempre ouvira dizer que Dasher era imprevisível e imaginava que, depois de passar tanto tempo confinado no iate, precisava de liberdade e solidão.

Disse a si mesma que seria muito estúpida se o fizesse pensar que queria agarrá-lo e segui-lo a toda parte. Conhecia sua fama de fugir do casamento, e os mexeriqueiros contavam com riqueza de detalhes histórias de muitas mulheres que tentaram inutilmente conquistá-lo.

Com o duque ausente, contentou-se em flertar com lorde Southwold, que parecia só esperar por uma chance para substituir seu anfitrião. Em qualquer outra circunstância, Lily levaria em consideração um homem tão rico como Charles. Estava certa de que, se lhe desse oportunidade, ele poderia se mostrar um amante bastante generoso. Mas tinha ido naquela viagem com o único objetivo de conquistar o mais fascinante e disputado solteiro da Inglaterra e não estava disposta a aceitar menos do que isso.

Portanto, não devia fazer nada que pudesse aborrecê-lo.

Se romance estava fora de cogitação, uma amizade com lorde Southwold, ao contrário, seria

bastante útil. Assim, passou grande parte do tempo conversando com ele sobre negócios e profetizando grande sucesso, imensos lucros e um futuro brilhante.

Depois do almoço, foram para terra como na véspera, passearam pelos jardins do Winter Palace e tomaram drinques gelados na sombra convidativa da varanda.

Duas pessoas amigas dos Southwold tinham acabado de chegar da Inglaterra, e, como pertenciam à mais fina sociedade e pareciam riquíssimas, Lily ficou encantada em conhecê-las.

Só quando a tarde começou a cair ela se preocupou e perguntou a Harry:

— O que terá acontecido com Sua Graça? Espero que não tenha sofrido algum acidente, ou sido atacado por ladrões.

— Estou certo de que Dasher sabe cuidar de si mesmo.

— Sei disso. Ao mesmo tempo, não posso evitar uma sensação de perigo.

Falou no mesmo tom misterioso que costumava usar com lord Southwold e percebeu zombaria nos olhos de Harry, ao responder:

— Se quer minha opinião, o único perigo no momento é nosso anfitrião ter se aborrecido de sua viagem de descobertas e querer voltar para casa.

Lily deu um gritinho:

— Oh, espero que não! Aqui é tão adorável, não tenho vontade de ir para nenhum outro lugar.

— Aposto que não.

Sabia que ele a estava provocando e odiou-o por isso. No entanto, deu-lhe seu mais encantador sorriso e disse:

— Acho que devemos ser muito, muito gentis com nosso querido duque quando ele voltar.

O que mais irritava Lily, apesar de não o demonstrar, era o fato de Harry ter percebido sua frustração e se deliciar com isso.

O duque só voltou para o iate quando teve certeza de que todos tinham ido para terra. Não sentia fome nem calor; ao contrário, havia se divertido muito e aproveitado cada momento da cavalgada pelas colinas de Tebas.

Achou-as o lugar mais bonito e impressionante que já conhecera.

Havia uma qualidade especial naquelas rochas nuas, e estava certo de que Irisa lhe diria que elas guardavam o mistério da vida eterna.

Dasher tomou banho, trocou de roupa e saboreou uma excelente comida que o chefe começou a preparar assim que ele voltou do passeio.

Finalmente, estava pronto para atravessar o rio e seguir a pé pela margem, em direção ao templo de Luxor.

Ainda era cedo, e imaginou que teria de esperar algum tempo por Irisa, mas encontrou-a lá, exatamente no mesmo lugar da véspera. Olhava para as colinas também do mesmo jeito, o narizinho reto e o queixo delicado parecendo uma silhueta egípcia recortada na pedra do mesmo pilar.

Ele parou e observou por um momento, antes que ela percebesse sua presença e virasse a cabeça, sorrindo.

O duque se aproximou.

— Você veio! — disse, com um tom profundo na voz. — Passei a noite toda com receio de que tivesse sido um sonho e nunca mais a encontrasse.

— Prometi levá-lo a Karnac, e sempre tento cumprir minhas promessas.

Ao falar, encaminhou-se para a margem do rio, e ele compreendeu que iriam de barco. Sentiu que o motivo disso não era o fato de ser a maneira mais fácil de chegar lá, mas porque, assim, se aproximariam do templo da maneira certa, como pretendiam aqueles que o construíram.

Enquanto esperavam pela embarcação que os levaria, o duque teve a nítida sensação de que estava prestes a embarcar para um outro mundo.

Tudo que havia lido sobre Karnac o deixara intrigado porque não conseguia entender exatamente o que os autores queriam dizer. Mas agora, à medida que navegavam silenciosamente em direção do maior templo do Egito, começava a perceber seu significado.

Sabia que Karnac ocupava uma área de quatrocentos acres da margem do Nilo e que pinturas coloridas adornavam as paredes. Estelas de lápis-lazúli, dez ao todo, franqueavam os dois lados dos pilares dianteiros.

Grande quantidade de malaquita, prata e ouro cobria a fachada onde ficava a majestosa imagem do faraó, entalhada na pedra, medindo mais de vinte metros de altura.

Os egípcios tinham levado oitocentos anos para construir o templo, e agora as colunas estavam descoloridas, mas, no momento em que entrou, o duque sentiu todo o impacto e todo o poder místico do lugar. A atmosfera ali era tão diferente da do templo de Luxor que ele a princípio, não soube o que dizer.

Caminhou em silêncio, com Irisa a seu lado, parecendo deslizar sem que seus pés deixassem marcas no chão de areia.

Muitos dos relevos das colunas eram impressionantes, e ele teria parado para observá-los melhor se Irisa não parecesse querer seguir em frente. Continuou seguindo-a, sentindo que ela devia ter algum motivo especial.

Passaram por um enorme relevo representando conquistas e sacrifícios, e então ela parou. Diante deles estava o lago Sagrado. Achou que Irisa olhava para o lugar de uma maneira estranha, quase como tentando se convencer de que fazia a coisa certa. Algo em seu comportamento também o fez pensar que ela o estava testando.

Não tinham falado mais do que umas poucas palavras desde que se encontraram. Mesmo assim, o duque sentia que podiam se comunicar por pensamentos.

As imensas colunas elevando-se à sua volta faziam com que se sentisse pequeno e insignificante, e teve um impulso irresistível de gritar que estava vivo, enquanto tudo mais ali estava morto.

Mas sabia que não era verdade. Muito da vida passada ainda permanecia naquele lugar.

Quando esse pensamento lhe ocorreu, soube que, de alguma maneira estranha e misteriosa que não podia explicar, era exatamente isso que Irisa queria que sentisse.

Ela sorriu e estendeu a mão para ele. Segurou-a e percebeu que tremia.

— Venha — disse a moça, baixinho. — Tenho algo para lhe mostrar.

Guiando-o pela mão, levou-o até a parte de trás do que pareceu ao duque um pequeno templo. Diante deles havia dois portões de bronze muito antigos e malconservados. Um deles estava aberto, e Irisa levou o duque por ali, fechando o portão depois que passaram.

Entraram numa câmara baixa, onde a luz do sol não chegava. A princípio, o duque não conseguiu ver nada naquela escuridão opressiva e poeirenta.

Irisa parou muito quieta, e ele apertou sua mão, quase como se temesse perdê-la.

Quando seus olhos se acostumaram à escuridão, percebeu que um facho de luz muito ténue entrava por um pequeno orifício no teto e então viu, bem perto deles, uma figura de mulher.

Era o corpo de uma jovem com quadris roliços e busto firme, mas com cabeça de leoa. Uma visão tão inesperada e tão diferente das imensas colunas lá de fora que o duque só conseguiu ficar olhando para a estátua, que, agora se lembrava, representava a deusa da guerra.

De repente, a deusa desapareceu, e ele teve uma outra visão tão fantástica que não soube dizer se era produto de sua imaginação ou uma ilusão de ótica provocada pela estranha obscuridade do lugar. Viu a si mesmo vestindo uma armadura e comandando soldados.

Soube que tinham acabado de chegar pelo rio e de desembarcar de um grande navio no qual haviam viajado uma longa distância. Estavam cansados e ao mesmo tempo excitados por terem chegado ao destino. Ele dava ordens para escoltarem e protegerem alguém que seis homens carregavam em uma liteira.

O duque olhou para cima e descobriu que a princesa levada por seus soldados era Irisa!

Ela estava coberta de jóias, e ele soube que usava seu traje mais rico porque tinha sido trazida ao Egito como uma noiva para o faraó.

O cortejo seguiu em frente, e o duque compreendeu que estava perdidamente apaixonado pela mulher cuja guarda lhe confiaram e que ia pertencer a outro homem. Muito em breve teria que entregá-la aos egípcios e voltar para sua terra, para nunca mais tornar a vê-la. Mas com ela deixaria seu coração.

À medida que se aproximavam do palácio do faraó, mais crescia sua agonia de saber que, apesar de amar a princesa e ser amado por ela, nada podiam fazer a respeito.

O duque não tinha certeza se haviam confessado seu amor um ao outro, mas as palavras não eram necessárias.

O que sentiam os unia como uma corrente invisível, transformando-os em uma só pessoa, e era um amor que jamais morreria.

O duque sabia que os faraós geralmente tomavam como esposas as irmãs e, algumas vezes, as próprias filhas.

No período pré-dinástico, as propriedades e riquezas eram transferidas pela sucessão feminina: através dos descendentes maternos, em vez dos paternos.

Assim, para assegurar seu título, o faraó casava com cada mulher que pudesse reclamar direito ao trono.

Além da rainha, tinha também o que se poderia chamar de "esposas políticas", princesas estrangeiras mandadas pelos pais para casar com o soberano do Egito, em troca de alianças diplomáticas.

Alguns possuíam também mulheres compradas e levadas para o harém real, mas só os filhos da rainha e das "esposas políticas" eram reconhecidos como príncipes e princesas, com direito, portanto, à condição de semideuses, como o próprio faraó.

Tudo isso passou pela mente do duque enquanto escoltava a liteira da princesa.

Então, olhou para cima e encontrou os olhos azuis dela, cheios de desespero ante a cruel separação que fatalmente aconteceria dentro de alguns momentos.

No entanto, não havia nada que pudessem fazer, além de dizerem um "adeus" mudo e tentarem acreditar que aquele amor duraria pelo resto de suas vidas. Ou talvez, por algum estranho poder que não conseguiam explicar, vencesse a morte e o túmulo.

Adiante deles, o duque avistou os soldados do faraó e seus escravos se aproximando para saudarem a nova esposa. Havia mulheres trazendo flores e crianças com cestinhas cheias de pétalas de rosas.

Novamente ele olhou para cima, e os olhos azuis angustiados estavam fixos em seu rosto.

Adeus, meu amor, disse seu coração.

Então, a escuridão voltou.

A visão desapareceu, e só restou a deusa com cabeça de leoa.

Muito tempo mais tarde, ou teriam se passado apenas alguns minutos, o duque se deu conta de que estava sentado à margem do lago Sagrado. A seu lado, Irida olhava para as águas consagradas pela sacerdotisa antes de receberem o caixão de cedro que continha o corpo de um faraó.

Atordoado, Dasher imaginou se teria enlouquecido momentaneamente ou sido drogado sem saber.

Nunca na vida tinha perdido o controle físico e emocional e acreditava que fosse totalmente impossível alguém hipnotizá-lo.

Então o que Irida teria feito com ele, para provocar aquela estranha visão?

A água, banhada pelo sol, faiscava.

Com uma voz que nem parecia a dele, o duque perguntou:

— Viu o que eu vi?

Houve um breve silêncio, antes de ela responder:

— Vi... hoje e há algum tempo.

— Vi que nos conhecemos no que imagino que seja... uma vida anterior?

— Sim. Mas pode ter havido muitas outras.!

— Outras vidas?

— Talvez, não sei. No Egito, só se pode ver aquelas que aconteceram aqui.

— Para mim, isso é absurdo. Mas você acredita, não é?

Irida demorou um pouco para dizer:

— Sei que acha que o influenciei de alguma forma, mas seria impossível.

— Que lugar era aquele?

— O santuário da deusa Sekhmet. É o único santuário em toda Karnac que ainda mantém a imagem, de uma divindade.

— E você o encontrou sozinha? Ou todos aqui o conhecem?

— Os guias nunca levam os visitantes até lá. Têm medo. Mas papai o descobriu pouco depois de chegarmos a Luxor, e acho que foi lá que soube que tinha sido trazido para o Egito com um propósito.

— Que propósito?

— Preferia que ele lhe dissesse isso pessoalmente. Mais tarde, quando estiver mais forte.

O duque continuou, calado por um momento.

— Ainda me sinto muito perturbado com o que vi e tentando encontrar uma explicação.

Irida riu, e seu riso pareceu ecoar pelo lago Sagrado e aliviar a atmosfera ameaçadora do templo atrás deles.

— De que está rindo?

— Você é tão inglês! Igual a papai quando chegou aqui. Ele achava que todo mundo fosse

charlatão. "Tem de haver uma explicação razoável, para isso", costumava me dizer. Até descobrir que era perfeitamente razoável o fato de termos vivido outras vidas.

Esperou que o duque protestasse. Como ele não o fez, continuou:

— Assim como o Nilo nunca seca, a vida também continua, estação após estação, ano após ano, século após século.

Dasher percebeu de repente que o sol começava a se pôr, avermelhando o horizonte. Ficou de pé, dizendo:

— Tenho de levá-la para casa. Por mais que tente me convencer de que não sou impressionável, não gostaria de me perder em Karnac à noite.

— Nada poderia lhe acontecer, mas admito que seria assustador.

Voltaram passando por entre os imensos pilares que agora pareceram ao duque muito próximos uns dos outros, talvez com o objetivo de proclamar ao mundo um poder impossível de ser destruído.

Agora o sol era uma linha de fogo no horizonte, e, quando chegaram ao templo de Luxor, o rio tinha se transformado de dourado em púrpura.

O templo pareceu dar boas-vindas aos dois, e novamente o duque pegou a mão de Irisa. Ainda havia bastante luz para guiá-los até a casa de madeira protegida por palmeiras.

Ao chegarem, a moça parou e ele perguntou:

— Vamos nos encontrar novamente amanhã?

— Talvez eu tenha lhe mostrado tudo que queria ver.

— Sabe que quero mais do que tudo ver você. Além disso, mal comecei a descobrir as coisas que desejo conhecer.

— Depois do que aconteceu hoje, pode ficar desapontado com o resto.

— Deixe que eu julgue isso. Tudo que quero é ter certeza de encontrá-la no mesmo lugar, à mesma hora. Promete ir?

— Ela hesitou, e ele foi tomado por um medo repentino.

— Por favor, Irisa. Sabe, tanto quanto eu que não posso perdê-la e que não pode me abandonar agora que me fez ver e sentir tantas coisas.

Precisa me ajudar a entender.

— Não acho que precise realmente da minha ajuda.

— Juro que preciso dela mais do que já precisei de alguma coisa na vida. Sou como um homem se afogando, Irisa, e você tem de me salvar!

Ela sorriu, como se houvesse alguma coisa ridícula em tal comparação, e disse:

— A princípio, tive medo de estar enganada, mas agora estou feliz, muito feliz, porque minha intuição estava certa e você é realmente... quem pensei que fosse.

— Está dizendo que me reconheceu assim que me viu?

Ela confirmou com a cabeça.

O duque ficou pensativo por um momento.

— Acho que, no íntimo, também a reconheci, quando pensei que fosse um perfil gravado no pilar de pedra. Pareceu-me familiar, mas isso era uma coisa absurda.

— Claro que é difícil se acostumar com a idéia. Mas, com o tempo, à medida que as coisas acontecem dia após dia, fica mais fácil de acreditar.

— É disso que tem que me convencer. — Suspirou, impaciente. — Não quero deixá-la

agora. Quero continuar conversando. É muito frustrante esperar até amanhã à tarde para vê-la novamente. Mas compreendo que precisa dormir durante o dia, se tem de cuidar de seu pai à noite.

Era evidente que ele argumentava tentando convencer a si mesmo.

Então, disse:

– Não tive chance de lhe contar que hoje de manhã fui até o Vale dos Reis.

– Sim, eu sei.

Ele franziu a testa..

– Como sabe?

Irisa sorriu.

– Num lugar pequeno, todo mundo sabe de tudo. Ali, um de nossos empregados que trabalham no jardim, me disse que você havia alugado cavalos. Achei que fez muito bem de não ir sozinho.

– Teria ido sozinho, se não temesse me perder. Mas dei ordens ao guia para não conversar.

– Foi muito sensato. E o que fez ao chegar ao cemitério dos faraós?

– Só fiquei lá pouco tempo. Quero voltar com você.

– Acho que talvez... seja impossível.

– Por quê?

Ela obviamente não queria explicar. Em vez disso, falou:

– Conversaremos sobre isso... num outro dia.

– Vai me encontrar amanhã?

Irisa ia responder quando um grito ecoou na noite. Os dois se viraram e viram um homem parado na varanda, todo vestido de branco. Ele olhou em volta com um ar desesperado e tornou a gritar:

– Senhorita, venha! Venha!

O duque teve a impressão de que Irisa desapareceu de seu lado como num passe de mágica. Quando se deu conta, ela já havia subido os degraus, atravessado a varanda e desaparecendo dentro da casa.

Devagar e decidido, ele a seguiu. Os degraus de madeira rangeram sob seu peso. Sem hesitar, entrou pela porta entreaberta. O aposento era uma sala de visitas. Já estava muito escuro para ver direito, mas havia luz logo adiante, no que devia ser um quarto. Dasher dirigiu-se para lá.

Deitado numa cama de madeira e coberto apenas com um lençol branco, estava um homem. Ajoelhada a seu lado, Irisa.

Um único olhar bastou para o duque perceber que o homem tinha morrido.

Parou na soleira, incerto sobre o que fazer. O pai de Irisa era, como imaginava, um homem muito bonito. Tinha feições regulares e muito inglesas.

Os cabelos nas têmporas estavam grisalhos, e a testa larga denotava inteligência.

O duque lamentou que agora fosse tarde para falar com o homem que poderia lhe revelar tantas coisas.

Olhou então para Irisa. Ajoelhada junto à cama, tomava o pulso do pai e, com a outra mão, tentava sentir seu coração. Mostrava um controle e uma calma admiráveis.

Então, compreendendo que nada mais podia fazer, cruzou as mãos do morto sobre o peito,

levantou-se e, lentamente, puxou o lençol sobre o corpo.

Falou em árabe com o empregado que esperava perto da porta. Este fez um sinal afirmativo com a cabeça, e o duque se afastou para deixá-lo passar. O homem atravessou a sala correndo e saiu da casa.

Dasher hesitou, até Irisa olhar para ele. Então, disse:

– Sinto muito. Gostaria tanto de ter conhecido seu pai!

– E eu queria que ele o conhecesse.

Deu um último olhar para o corpo na cama, pegou uma vela sobre a mesinha e saiu para a sala. O duque pôde ver então que o aposento era mobiliado com simplicidade e com bom gosto. Sobre os armários e a mesa havia peças de cerâmica, porcelanas e estatuetas vindas, certamente, dos túmulos.

Antes que ele perguntasse, Irisa disse:

– Foram presentes que papai recebeu das pessoas de que tratou. Talvez pareça um tanto... impróprio, porque tudo isso foi roubado.

– Deve haver aí objetos muito valiosos.

– Sim. Não quero vendê-los, mas acho que serei obrigada.

– Agora que seu pai morreu, o que vai fazer? Não pode ficar aqui sozinha.

Ela deu um suspiro misturado com um soluço.

– Acho que não, mas gostaria de ficar.

– A menos que tenha amigos que cuidem de você, deve compreender que isso é impossível.

Houve silêncio, e ele percebeu que a moça procurava desesperadamente um meio de conservar a casa que considerava seu lar.

– A quem pertence este lugar? – perguntou o duque.

– À Sociedade Missionária, e imagino que, quando souberem da morte de meu pai, mandarão outro para substituí-lo.

– Que chegará ansioso para converter os pagãos, até ser também cativado pela magia do Egito, como aconteceu com seu pai.

O comentário a fez sorrir e dizer:

– Talvez ele precise de uma assistente.

O duque sacudiu a cabeça.

– É mais provável que tenha esposa e meia dúzia de filhos.

– Nesse caso, terei de voltar para casa.

– Quer dizer, a Inglaterra?

Ela assentiu com um sinal afirmativo de cabeça, como se fosse difícil falar.

Depois de um momento, Dasher perguntou:

– Tem parentes que cuidarão de você?

– Acho que ainda tenho um avô, mas não o vejo desde que era criança.

– Não acredito que ele se recuse a ficar com você, já que está sozinha no mundo.

Pensou que o avô ou qualquer outro parente ficariam surpresos com a beleza e a inteligência de Irisa.

E era corajosa, também! Quem mais se comportaria tão bem em tais circunstâncias?

Sabia, sem que houvesse necessidade de lhe dizer, que o pai significava tudo na vida dela e

que sua segurança desaparecera junto com ele. Estava sozinha numa terra estranha.

Uma coisa era ser filha de um missionário, protegida pela posição do pai, e outra, bem diferente, ser uma linda moça estrangeira e solitária.

Estremeceu ao pensar no que poderia acontecer a ela e disse:

– Se tem que voltar à Inglaterra, eu a levarei.

Pela expressão atônita com que o olhou, ele compreendeu que tal idéia nunca havia passado pela cabeça de Irisa. Qualquer outra mulher, ao contrário, esperaria por essa proposta. Ou, mesmo, tomaria a iniciativa de pedir.

– Não posso lhe pedir isso – disse ela.

– Por que não? Há muito espaço no meu iate e posso esperar que arrume suas coisas e, naturalmente, que enterre seu pai.

Irisa juntou as mãos e respondeu, hesitante:

– Sinto como se estivesse impondo minha presença. Tenho certeza de que seus amigos não gostarão disso. Mas, no momento, não consigo pensar em nenhuma outra solução.

– Então sugiro que deixe tudo por minha conta.

Mais tarde o duque percebeu que sua atitude autoritária havia facilitado tudo para Irisa. Ela ordenou aos criados que mandassem embalsamar o corpo para ser enterrado no pequeno cemitério que o próprio pastor Patrick Garron mantinha para os recém-convertidos.

Esses, por sinal, eram poucos, e o duque suspeitou que admiravam o missionário muito mais como homem do que como um pastor de almas que os afastara dos deuses que adoravam desde a infância.

Como era costume no Leste, Dasher providenciou para que o enterro fosse bem cedo na manhã seguinte e pagou para que os embalsamadores trabalhassem o mais depressa possível.

Quando o corpo ficou pronto, o duque procurou por Irisa. Encontrou-a ajoelhada junto à cama do pai e pensou que estivesse rezando. Assim que percebeu sua presença, a moça se levantou.

De mãos dadas, os dois ficaram olhando para o morto, que parecia sereno e em paz. Vestia uma camisa branca, as mãos estavam cruzadas sobre o peito, e Irisa havia colocado entre seus dedos uma flor de lótus que começava a desabrochar.

Novamente adivinhando os pensamentos de Dasher, ela disse, referindo-se à flor:

– O símbolo do amor e da vida eterna. Papai não está morto, e um dia tornaremos a nos encontrar.

Sua voz ficou presa na garganta, mas ela não chorou.

O duque apertou sua mão.

– Sei que ele gostaria que você pensasse assim.

– Claro. Papai sempre acreditou que a morte não tinha importância; que as pessoas só se livram de um corpo cansado e já sem utilidade.

Dasher levou-a para a sala.

– Quer ir para o iate comigo agora ou prefere passar a noite aqui?

Era algo que nunca perguntaria a uma outra mulher, mas imaginava que Irisa não desejasse abandonar o pai.

– Prefiro ficar. E se amanhã você mudar de idéia e não quiser mais me levar, compreenderei.

— Não há a menor possibilidade de eu mudar de idéia. Só quero fazer o que for melhor para você.

— Então deve saber que não posso deixar meu pai.

— Sim, eu sei. E ficarei com você. Ela o olhou, surpresa.

— Não é preciso, estarei segura.

— Não quero arriscar. Agora todos já sabem que seu pai morreu, e há muitas coisas nesta casa que podem interessar aos colecionadores. Ladrões de tumba não hesitariam vir assaltar você.

— Tenho os empregados para me proteger.

— Sim, mas sinto que, em uma emergência, eu seria a melhor proteção. Se concordar, gostaria de mandar um de seus criados até o iate para avisar que não voltarei hoje e para trazer alguma comida para nós.

— Eu poderia cozinhar qualquer coisa...

— O que quero que faça é que vá se deitar — o duque a interrompeu, com carinho. — Precisa repousar.

Irisa foi para o quarto, que ficava do outro lado da sala. O duque chamou um criado, escreveu as instruções e mandou-o ao iate.

Só quando o homem saiu e Dasher começou a andar pela sala, examinando a coleção de antiguidades egípcias, ele se perguntou o que os amigos pensariam de sua ausência.

Jenkins, seu criado de quarto, viera do iate e havia arrumado a mesa com capricho e encontrado vários castiçais, de modo que a sala estava totalmente iluminada e com uma aparência mais alegre.

Irisa usava um vestido muito simples e austero, e Dasher achou que tinha estado chorando, apesar de se manter calma e controlada.

— Venha comer e tente não se preocupar.

— Escrevi várias cartas — disse ela. — Para a Sociedade Missionária na Inglaterra e também para o bispo anglicano no Cairo, que encarregou papai de trabalhar aqui, enquanto a igreja que está construindo não fica pronta.

Dasher falou-lhe então do padre hospedado no Winter Palace.

— Que gentileza sua pensar nisso! Achei que papai tivesse de ser enterrado sem outras preces além das minhas.

— E das minhas — ele acrescentou, baixinho. Ela deu-lhe um olhar de profunda gratidão e sentou-se à mesa.

— Obrigada — disse para Jenkins. — Vejo que me poupou muito trabalho e fico agradecida.

— Foi um prazer, senhorita. — Fez uma pequena reverência e foi para a cozinha buscar o primeiro prato.

A comida trazida do iate não estava muito quente, mas era sem dúvida deliciosa. O duque notou, com prazer, que Irisa comeu bem e não protestou quando Jenkins encheu seu cálice com vinho.

Conversaram pouco enquanto o criado os servia. Só depois que terminaram a refeição e a mesa foi tirada Irisa disse:

— Por favor, não se dê ao trabalho de ficar aqui esta noite. Garanto-lhe que estarei em segurança. Não quero privar seus amigos de sua companhia.

- Meus amigos se divertirão sem mim. E ainda estou preocupado com sua segurança.
- Desejo ficar mais um pouco com meu pai, antes de ir dormir...
- Claro. Não se preocupe comigo. Ficarei lendo um pouco até você ir para seu quarto.

Irisa compreendeu que aquela era uma maneira sutil de ele lhe dizer que não devia ficar acordada a noite toda. Hesitou um instante e sugeriu;

- Talvez fosse interessante você ler algumas anotações que papai fez sobre os templos e as tumbas, desde que chegou a Luxor.
 - Quer dizer que ele anotou as descobertas que fez?
 - As descobertas e opiniões que, tenho certeza, um dia provarão ser verdadeiras.
 - Gostaria muitíssimo de ler. Sempre lamentarei profundamente não ter conhecido seu pai.
- Sorriu e acrescentou: – Você vai ter de remediar isso ensinando-me tudo que não posso mais perguntar a ele.

Irisa abriu uma gaveta da escrivaninha e pegou uma pilha de cadernos manuscritos.

- Acho que talvez seja melhor começar pelas últimas coisas que ele escreveu. Como lhe disse, papai era um tanto cético quando chegamos aqui.

– Lerei na ordem que você achar conveniente.

Nesse momento, Jenkins veio da cozinha.

– Deseja mais alguma coisa, Vossa Graça?

– Por hoje não. Mas quero que providencie dois homens da tripulação para virem embalar todos os objetos de arte desta sala. Que tragam caixas de madeira e uma boa quantidade de jornais para proteger as peças. Nada pode ser quebrado.

Jenkins olhou em volta.

– Compreendo, senhor. Será providenciado. – Fez uma reverência para Irisa. – Boa noite, senhorita. Boa noite, Vossa Graça.

Irisa foi para o quarto, e Dasher pegou um dos manuscritos e tornou a olhar para as peças antigas que enfeitavam a sala. Estava mais certo do que nunca de que eram muito valiosas. A pequena estátua de um faraó com o sinal da cobra na testa, por exemplo: colecionadores de todo o mundo se interessariam por ela. E havia um deus com cabeça de falcão que certamente poderia fazer parte do acervo de qualquer museu.

Resolveu não permitir que Irisa vendesse nenhuma daquelas peças, antes que todas fossem examinadas pelo melhor egiptólogo de Londres.

Duas horas se passaram antes que a porta do quarto se abrisse. Irisa saiu trazendo uma vela. Não falou com o duque; apenas endereçou-lhe um leve sorriso e foi para o próprio quarto. Instintivamente ele soube que ela não estava realmente ali, mas junto do pai, num outro mundo.

As anotações que o duque começou a ler eram tão absorventes, tão interessantes, que ele lamentou ter de parar. Mas a cavalcada da manhã o deixara fisicamente exausto, embora, mentalmente, nunca tivesse se sentido tão alerta.

Despiu-se, vestiu o robe de algodão que Jenkins tinha deixado pronto para ele e deitou-se na cama que seu criado de quarto improvisara.

De manhã, quando Irisa saiu do quarto, o pai já estava dentro do caixão, cercado de flores.

Ela usava um vestido muito simples, de um azul-acinzentado que lhe dava uma aparência etérea. Trazia nas mãos um chapeuzinho com fitas da mesma cor.

Olhou para o duque e explicou:

– Não tenho nenhuma roupa preta. E papai sempre dizia que quem acredita na vida eterna, seja cristão, seja egípcio, não deve usar luto por um ente querido que partiu mas não está morto.

Dasher pensou que aquele fosse um sentimento muito diferente do exemplo da rainha Victoria, que ainda vestia luto fechado pelo príncipe consorte, morto havia vinte e seis anos. Disse apenas:

– Tudo que me contou sobre seu pai e tudo que li ontem à noite me convenceu de que ele era uma pessoa excepcional.

Os olhos dela se iluminaram.

– Gostaria que papai soubesse que alguém como você disse isso sobre ele.

Sem esperar que o duque respondesse, Irisa foi para o outro quarto.

Pela porta entreaberta, ele a viu parar junto do caixão e ficar olhando um longo tempo para o pai.

Dasher chamou então os homens que esperavam do lado de fora da casa. Quando saíram com o caixão para a varanda, o pequeno jardim já estava cheio de gente. Uma pequena multidão seguiu em cortejo em direção ao cemitério. Havia uma meia dúzia de sepulturas de cristãos mortos desde a chegada de Irisa e do pai a Luxor, todas marcadas por pequenas cruzes de madeira.

O padre estava parado ao lado de uma cova recém-aberta, com o livro de orações na mão. Assim que o caixão foi baixado à cova, a cerimônia fúnebre foi iniciada, sem pompa nem circunstância, sem carpideiras vestidas de negro, sem discursos e lamentações. Em vez disso, havia apenas Irisa, parecendo uma personagem saída de alguma história de fadas ou talvez de uma das cenas gravadas no templo, e os nativos com suas crianças parados do lado de fora do cemitério, mas observando tudo o que acontecia com verdadeira contrição e reverência.

No final da cerimônia Irisa jogou dentro do caixão uma flor de lótus que o duque intuiu ter vindo das margens do lago Sagrado de Karnac.

Enquanto os coveiros cobriam o caixão de areia, os lábios dela se moveram, e Dasher soube que estava dizendo o último adeus ao pai, que adorava. .

Depois que ambos agradeceram ao padre, voltaram lentamente e em silêncio para casa, e os nativos se dispersaram, também calados, na direção de suas cabanas.

Mas, pouco depois, as crianças já estavam, brincando e correndo por entre as palmeiras, seus risos alegres enchiam o ar de alegria de viver.

Ao entrarem em casa, o duque viu que, como esperava, Jenkins tinha o café da manhã pronto à espera dos dois.

Irisa, no entanto, foi rapidamente para o quarto, e ele imaginou se não estaria perturbada demais. Mas novamente a moça demonstrou um autocontrole fantástico, voltando cinco minutos depois, sentando-se à mesa e tomando o café que Jenkins lhes serviu.

Só então ela percebeu que um grande número de objetos havia desaparecido da sala. Olhou para o duque e, como sempre, não foi preciso perguntar nada, para que ele entendesse.

– Jenkins me disse que dois de meus tripulantes já embalaram e levaram para o iate duas grandes caixas de madeira. Estão providenciando mais algumas e logo voltarão para levar o restante dos objetos.

Irisa levantou-se e foi até as prateleiras onde as peças de cerâmica estavam arrumadas. Pegou três vasos e vários azulejos coloridos e muito decorativos apoiados contra a parede.

— Estes são falsos. Acho que talvez devam ser separados dos outros.

— Falsos? — O duque surpreendeu-se. — Como sabe?

Olhando para as peças, achou tão antigas e valiosas como as outras.

Na verdade, não via nada que pudesse distingui-las das que Irisa considerava autênticas.

— Vários artesãos trabalham em tempo integral copiando todas as peças que são enviadas para os museus ou reproduzindo artigos verdadeiros que foram roubados dos túmulos — explicou ela.

— Mas como sabe quais são as falsas?

Ela sorriu pela primeira vez naquela manhã.

— Você devia ser capaz de saber por instinto. Para as pessoas comuns, existem certos testes, bastante simples até, capazes de determinar com exatidão quais são as relíquias que têm milhares de anos de idade e quais as que foram feitas ontem.

Notou que o duque estava interessado e continuou:

— Não importa quem lhe ofereça antiguidades, deve estar sempre alerta para as falsificações, porque os egípcios são muito espertos e muito habilidosos para fazer essas reproduções.

— Quer dizer que herdaram o talento de seus ancestrais artesãos?

Antes de deixar o Egito, pretendo comprar um grande número de objetos para levar para casa, e certamente vou precisar muito da sua ajuda, Irisa.

— Tenho certeza de que encontrará muitos especialistas no Cairo que terão muito prazer em aconselhá-lo.

— Prefiro confiar em você.

Dasher teve a impressão, embora não pudesse jurar, de que suas palavras a deixaram feliz.

Ele olhou novamente para as cerâmicas autênticas sobre a prateleira e percebeu que, ao lado delas, havia uma pedra achatada que parecia um tanto fora de lugar ali.

Irisa seguiu a direção de seu olhar e explicou:

— Essa é a pedra consagrada de papai. Um missionário que vive viajando não pode esperar encontrar uma igreja em todos os lugares por onde passa. Mas, com essa pedra, qualquer lugar onde seja colocada adquire a santidade de um templo consagrado.

— Nunca tinha ouvido falar disso!

Pouco depois que acabaram o café da manhã, os marinheiros voltaram com as caixas para levar o restante dos tesouros.

Irisa fez sua mala, e nela colocou também os manuscritos do pai.

Todas as peças de arte já tinham sido então mandadas para bordo do iate, inclusive as falsas, que o duque mandara empacotar separadamente.

— Estou pronta — ela disse, olhando ao redor para a mobília que pertencia à casa. — Podemos partir...

Irisa e Dasher também deixaram a casa, mas não seguiram pelo mesmo caminho dos outros. Preferiram andar mais um pouco, passando pelo templo de Luxor.

As pessoas nas casas de barro acenavam para os dois, e várias crianças foram levar flores para Irisa. Mas, quando pararam sob as altas colunas, estavam sozinhos, e a atmosfera do templo

pareceu envolvê-los, como se fizessem parte do lugar.

Nenhum dos dois falou. Devagar, atravessaram o imenso salão principal e passaram pelas estátuas de granito, seguindo até o lugar onde se haviam encontrado pela primeira vez.

A vista do rio, na direção do Vale dos Reis, brilhava ao sol, e Irisa ficou um longo tempo parada, admirando a paisagem. Então, o duque disse, com carinho:

— Você não precisa dizer adeus a tudo isso. Voltaremos aqui um dia.

— Tem certeza? Sinto-me como se estivesse deixando tudo que sempre conheci e entrando num mundo estranho e amedrontador do qual nada sei.

— É algo que você já fez antes — ele comentou, pensando na visão que teve no santuário: Irisa dentro de uma liteira sendo levada para o palácio do faraó.

— Sim, é quase a mesma coisa — respondeu ela, lendo seus pensamentos. — Só que, então, eu estava dizendo adeus a você, e agora tenho que dizer adeus a meu pai.

— Como você mesma falou, a vida corre como o rio, esse mesmo rio que vamos cruzar agora. Mas eu lhe garanto que um dia voltaremos.

Irisa sorriu, como se ele a tivesse aliviado de suas preocupações.

— Será uma aventura — prometeu o duque, pegando a mão dela.

Irisa tinha tirado as luvas que usara durante o enterro, e Dasher sentiu que apertava os dedos dele, não de medo, mas como se quisesse absorver um pouco de sua força e coragem.

Desceram na direção do rio, onde o duque tinha mandado o bote esperá-los.

Ajudou-a a embarcar e se acomodar no banco almofadado. Os marinheiros começaram a remar, e o duque inclinou-se para Irisa, dizendo, com um sorriso encorajador:

— Não precisa ficar nervosa por encontrar meus convidados. São pessoas muito simpáticas e sei que você vai gostar deles.

Achou que devia tentar acalmá-la, mas, enquanto lhe dizia essas palavras, imaginava pela primeira vez qual seria a reação de Lily com o fato de terem outra mulher a bordo.

Irisa deu um risinho.

— Não acredito que eles possam ser mais assustadores do que os canibais que papai e eu encontramos no Congo. Ou do que Mtesa, rei de Buganda, que oferecia sacrifícios humanos em troca das coisas mais insignificantes... e geralmente escolhia cristãos como vítimas.

— Mas você sobreviveu.

— Só para cair nas garras dos seus amigos — . Irisa respondeu, e o duque riu.

Apesar de já terem feito tanta coisa naquela manhã, era relativamente cedo quando chegaram a bordo. Apenas Harry estava acordado, sentado sob o toldo do convés, lendo os jornais que recebiam com alguns dias de atraso.

Ele se levantou assim que Irisa e o duque apareceram.

— Que prazer ver você, Dasher! Já começava a temer que tivesse se perdido no deserto ou ficado preso na tumba de algum faraó. Nesse caso, íamos ter de escavar um bocado para encontrá-lo.

— Mas, como vê, estou bem vivo — respondeu o duque, rindo da brincadeira do amigo.

Virou-se para Irisa.

— Quero lhe apresentar meu velho amigo Harry Settingham. A srta. Irisa Garron.

Percebeu que Harry olhava para a moça com um misto de surpresa e admiração. Quando o amigo desviou o olhar para ele, Dasher compreendeu por sua expressão que havia algo

importante que queria lhe dizer.

— Imagino que queira ir primeiro até sua ca-bine — o duque sugeriu a Irisa.

Não esperou que ela respondesse: guiou-a para a parte de baixo, onde ficavam os camarotes.

Jenkins foi ao encontro dos dois.

— Quer mostrar as acomodações para a senhorita, Jenkins? Preciso trocar uma palavrinha com Harry.

— Certamente, Vossa Graça.

Deixando a cargo do criado providenciar tudo para o conforto de Irisa e desfazer suas malas, Dasher se apressou de volta ao convés, onde o amigo estava à sua espera.

Como eram muito íntimos, o duque foi logo perguntando, sem preâmbulos:

— O que aconteceu?

— Muita coisa. Sei que vai ficar atônito com a novidade, mas não creio que o aborreça muito.

— O que foi?

— Lily nos deixou.

— Deixou?

Era, certamente, uma notícia pela qual não esperava.

— O que quer dizer com isso? — insistiu Dasher.

— Que Lily foi bastante inteligente para perceber que tinha perdido você e fez uma retirada dramática.

— Foi embora sozinha?

— Não. Com Charles.

— Partiu com Charles? — Isso era ainda mais inesperado.

Um sorriso cínico passou pelos lábios de Harry.

— Para todos os efeitos, ele voltou para Londres para tratar de negócios que exigiam sua presença em pessoa.

— Esse foi o pretexto. Qual a verdade?

— Que ele e Lily foram primeiro até o Cairo e, de lá, me parece que pretendiam seguir até Paris. — Meu Deus! O que Amy disse de tudo isso?

— Não tive coragem de tocar no assunto com ela. Deixei para você essa difícil incumbência.

— Muito obrigado! — o duque respondeu, com sarcasmo. — Charles, hein? Nunca pensei que ele fosse capaz disso!

— Quer que lhe conte exatamente o que aconteceu? Lily viu você ontem à noite com essa adorável criaturinha que acabou de trazer para bordo.

— Onde ela nos viu?

— Descendo os degraus do templo em Luxor e entrando em um barco.

O duque olhou para a margem oposta, espantado. Havia uma boa distância entre o templo e o lugar onde o iate estava ancorado. Como era possível terem sido vistos?

Harry explicou:

— Lily, Charles e eu estávamos bem aqui, observando os pássaros com binóculos. Você mesmo nos disse que eram os mais potentes já fabricados, lembra-se? Bem, realmente, são poderosíssimos.

Fez uma pausa, mas, como o duque não fez nenhum comentário, continuou:

— Charles estava observando alguns pássaros pousados nas palmeiras quando, de repente, Lily deu um gritinho abafado e arrancou os binóculos da mão dele. Foi assim que viu claramente você descer os degraus do templo e ajudar uma jovem a entrar num bote que estava à sua espera.

O duque continuou calado, e Harry disse:

— Eu sabia que Lily tinha passado o dia inteiro aborrecida por você ter saído cedinho a cavalo, sem falar com ela. Chegou a nos obrigar a voltar do Winter Palace mais cedo do que pretendíamos, simplesmente porque esperava vê-lo. Queria já estar a bordo quando chegasse do passeio pelo deserto.

O duque não fez nenhum comentário, mas imaginou que Lily já devia estar aborrecida desde um dia antes. Afinal, ele a deixara esperando duas vezes: primeiro, em sua saleta particular e, à noite, na cabine dela.

Mas não estava realmente preocupado com os sentimentos de Lily. Sua partida, em vez de contrariá-lo, dava-lhe uma enorme sensação de alívio, pois não precisaria mais dar explicações sobre Irisa.

Agora não havia mais a desagradável perspectiva de encontrar Lily à sua espera, ansiosa para continuar um romance que havia terminado no exato momento em que chegaram a Luxor.

Irisa não foi a única culpada pelo fim de seu caso com a bela ruiva. O fator decisivo era o fato de a própria Lily pertencer a um mundo que no momento não tinha nenhum interesse para ele.

Dasher sabia que, se ela ainda estivesse no iate, ele se sentiria um tanto culpado e constrangido de lhe explicar a súbita mudança de seus sentimentos. Nem mesmo sentia mais desejo, e não era nada fácil confessar tal coisa a uma mulher com a qual tinha feito amor apaixonadamente apenas dois dias antes.

Dasher estava interessado, intrigado e fascinado a tal ponto pelo que havia encontrado no Egito que não conseguia pensar em mais nada e não entendia por que se sentira tão excitado com Lily.

— Quando soubemos que você não ia voltar ontem à noite, Lily aceitou o inevitável e tratou de fazer novos planos — disse Harry.

— Com Charles — murmurou o duque.

— É, com Charles.

Como sentindo que devia arranjar uma solução para aquele problema que era em parte sua responsabilidade, Dasher disse:

— Não consigo acreditar que o que está me dizendo é mesmo verdade, mas minha maior preocupação agora é Amy.

— Charles ficou atraído por Lily no momento em que a viu.

— Eu não fazia idéia.

— Sei disso — comentou Harry. — Você deixou muito claro que ela lhe pertencia, e todos respeitamos isso. Mas, apesar de querer você, Lily logo percebeu que Charles era um homem muito rico e estava fascinado por ela.

— Tudo isso me desgosta profundamente. Vou descer agora para conversar com Amy.

Além de desgostoso, Dasher estava também muito apreensivo com o que lady Southwold diria ou faria.

Gostava muitíssimo dela e sempre havia considerado Charles um de seus melhores amigos. Nada teria acontecido se não convidasse os três para aquela viagem, dizia a si mesmo. E esse pensamento era penoso para ele.

Bateu na porta da cabine de Amy e, quando ela o mandou entrar, encontrou-a sentada a uma pequena escrivaninha, escrevendo cartas.

— Posso entrar? — o duque perguntou.

— Claro, Dasher. Estou contente que tenha voltado. Começava a me preocupar com você.

— Eu é que estou bastante preocupado com certas coisas que Harry acabou de me contar.

Atravessou a cabine e sentou-se perto dela. Depois de um momento, Amy disse:

— Sei que é embaraçoso para você, mas não precisa ficar assim. Eu lhe garanto que Charles voltará para mim.

— Tem certeza disso?

— Mas é claro! Não é a primeira vez que uma coisa dessas acontece. Depois que passar a excitação de se sentir jovem novamente e de se exibir ao lado de uma moça que tem idade para ser filha dele, Charles descobrirá que só existem duas coisas em sua vida que realmente têm valor.

— E que coisas são essas? — perguntou o duque.

— O filho e eu.

Amy deu um suspirozinho e acrescentou:

— Como sabe, Jack deixará Eton no ano que vem, e acho que Charles ama esse filho mais do que a qualquer pessoa no mundo inteiro. E, embora eu não seja nem nunca tenha sido tão bonita como uma mulher como Lily, eu o compreendo e o amo muito, porque, quando não está representando o papel de grande homem, ele não passa de um garotinho que precisa de carinho.

O duque pegou a mão de Amy e beijou-a.

— Você é uma mulher maravilhosa!

— Realmente, não sou, não. Minha vontade é de arrancar os olhos daquela mulher, puxar os cabelos e gritar feito louca. Mas isso de nada adiantaria. Portanto, vou tentar descansar e me divertir, enquanto Charles não volta,

— Ele se comportou de uma maneira abominável! — disse o duque, furioso.

— É um homem, afinal. E ninguém pode negar que Lily é lindíssima. Entendo que tenha um grande apetite por esmeraldas.

Dasher não pôde evitar uma risada.

— Como sabe disso, Amy?

— Ela convenceu Charles a ir para o Cairo e, se não encontrar lá o que deseja, Paris sem dúvida poderá lhe oferecer tudo de que precisa.

Quando deixou Amy, depois de lhe repetir novamente o quanto a admirava, foi procurar Harry.

O amigo esperava por ele. Assim que o duque se acomodou confortavelmente na espreguiçadeira a seu lado, Harry disse:

— Não vou fazer nenhuma pergunta. Só quero saber o que está acontecendo, para onde vamos agora e o que você pretende fazer a respeito da srta. Garron.

O duque deu uma risada. — O que espera que eu faça?

— Bem, não sei. Isso depende de quem seja ela.

— É filha de um missionário.

Viu a perplexidade no rosto do amigo, e isso o divertiu ainda mais.

Explicou:

— O pai morreu. Nós o enterramos hoje de manhã, e ela agora tem de voltar para a Inglaterra. Era isso que queria saber?

— Nunca imaginei que missionários tivessem filhas bonitas.

Geralmente têm esposas magrelas e azedas, sempre de facão na mão, abrindo caminho para eles através da selva e dando lições de moral a zulus sanguinários. Dasher deu outra risada.

— Você andou lendo muitas histórias de aventura. Por outro lado, Irisa disse que mais assustador do que conhecer meus amigos tinha sido enfrentar canibais no Congo.

— Acho isso mais fácil de acreditar do que as profecias de sucesso e lucros fantásticos que Lily fazia.

— Amy disse que esta não é a primeira vez que Charles foge atrás de uma mulher bonita, mas que sempre volta para casa — comentou o duque.

— Sei disso. Há três anos, ele foi para o sul da França durante três meses com a esposa de Philip Goodwin.

— Meu Deus! Eu não fazia idéia!

— Todo mundo evitou comentar o assunto por causa de Amy, e, quando ele voltou, fingiu que nada tinha acontecido.

— E o que aconteceu com a mulher de Philip?

— Consolou-se bem depressa nos braços de um armador grego, pelo que sei. Mesmo assim, Philip se recusou a lhe dar o divórcio, de modo que ainda estão casados, embora ele mesmo desde então tenha se envolvido com uma série de mulheres atraentes.

— Não compreendo por que você nunca me contou nada disso.

— A resposta é muito simples — disse Harry. — Acontece que você não estava interessado. E era verdade.

O duque não costumava se interessar por mexericos e pouco se importava em saber quem estava indo para a cama de quem. Levava uma vida bastante agitada, de forma que nunca lhe sobrava tempo para se preocupar com os romances alheios.

Mesmo agora, tinha coisa muito mais interessante com que se preocupar, embora de um tipo totalmente diferente do que estava acostumado.

Subitamente, sentiu uma vontade urgente de procurar Irisa, falar com ela, ouvir sua voz suave dizendo-lhe coisas que achava totalmente fascinantes e absorventes.

Pensou que ela talvez continuasse lá embaixo, na cabine, por achar que ele quisesse conversar a sós com Harry.

Sem dizer uma palavra ao amigo, levantou-se e foi procurá-la. Harry acompanhou-o com o olhar, surpreso demais para fazer qualquer pergunta.

Então, um sorriso surgiu em seus lábios, como se tivesse descoberto a resposta.

Pegou novamente o jornal e continuou a ler, ainda sorrindo.

CAPITULO VII

Encontrou Jenkins saindo de sua cabine.

— Onde está a srta. Irisa? — o duque perguntou a Jenkins, ao encontrá-lo saindo de sua cabine.

O criado apontou para a porta ao lado, a do camarote antes ocupado por Lily.

Os olhos do duque se iluminaram de um jeito que já havia acontecido várias vezes nos últimos anos. Se pudesse ver sua expressão agora, Harry a teria reconhecido imediatamente.

Sorridente, ele bateu na porta da cabine.

Não houve resposta. O duque entrou e descobriu o motivo do silêncio de Irisa: ela estava adormecida.

Tinha tirado apenas o chapéu e os sapatos e se deitara de lado na cama. Dormia profundamente, de pura exaustão.

O duque parou, olhando para ela.

Então, atravessou a cabine e fechou as cortinas da escotilha, antes de sair, silenciosamente.

Encontrou Jenkins no corredor e disse:

— A srta. Irisa está dormindo, e acho melhor não perturbá-la. Vamos deixar que descanse o quanto quiser.

— É claro, Vossa Graça. Acho que ela se comportou com muita coragem depois da morte do pai, mas esse tipo de choque abate até mesmo os espíritos mais fortes.

— Tem razão. Cuide para que ela não seja perturbada e, quando acordar, diga-lhe que sugeri que ficasse deitada descansando até a hora do jantar.

Dasher subiu novamente para o convés. James e Amy também estavam lá, junto com Harry, e os três bebericavam sucos de frutas gelados servidos em longos copos de cristal.

— Ora, aí está você, Dasher! — James exclamou. — Estava começando a pensar que tivesse sido devorado pelos crocodilos.

— Ainda não. Mas isso me lembra que quero nadar esta tarde, mas num ponto mais afastado, rio acima. Prefiro não ficar muito perto de onde haja casas.

— O que aconteceu com a srta. Garron? — perguntou Harry.

— Está dormindo.

O duque sentou-se ao lado de Amy, que comentou:

— Harry esteve me contando que o pai da moça foi enterrado esta manhã. Que coisa trágica, coitadinha! Mas, pelo que eu soube, não se parece nada com a filha de um missionário.

— Não acredito que já tenha conhecido alguma — respondeu Dasher, e ela riu.

— Não, é verdade. Mas sempre achei que deviam ser temerariamente corajosas para viajarem por terras estranhas e selvagens, tendo sua fé como única defesa.

— Ouvi dizer que muitos missionários foram e têm sido mortos na África — James comentou.

— E concordo com Amy: mesmo achando essa gente meio maluca, não se pode negar sua coragem.

Almoçaram e, pouco tempo depois, o duque resolveu ir a terra procurar algum lugar sossegado onde pudesse nadar em águas limpas e sem ser observado por curiosos.

Nadou contra a correnteza, sentindo que usava cada músculo do corpo e que o exercício era tão bom como cavalgar em suas propriedades, participar de corridas ou lutar boxe com Harry. Tentou não pensar nas maravilhas que poderia encontrar naquela margem do Nilo.

Sentia que seria de alguma forma impróprio explorar o lugar sem Irisa.

Agradavelmente relaxado depois de nadar, voltou para o iate e recebeu um recado deixado pelos amigos: todos tinham ido até o Winter Palace, pois Amy queria encontrar alguns conhecidos que acabavam de chegar da Inglaterra.

Dasher não sentia a menor disposição de ir se reunir a eles.

Em vez disso, foi para sua cabine e começou a ler os manuscritos que Irisa lhe havia entregado. Achou-os absorventes e encontrou explicações para muitas coisas que queria saber.

Depois, como também não tinha dormido bem à noite, cochilou na cadeira. Acordou com um sobressalto quando Jenkins foi avisá-lo de que já era hora de trocar de roupa para o jantar.

— A srta. Irisa já acordou? — perguntou o duque.

— Sim, Vossa Graça. Acordou por volta das quatro horas e eu levei a ela um pouco de chá e a convenci a ficar descansando por mais algumas horas. Agora está tomando banho e, tenho certeza, ansiosa para se reunir a Vossa Graça para o jantar.

O duque pensou que Jenkins até parecia uma babá eficiente, mas entendeu que qualquer homem, sem distinção de posição social, se sentiria protetor em relação a Irisa.

Ele mesmo, certamente, sentia-se assim. Enquanto tomava banho e mudava de roupa, imaginava que tipo de vida estaria esperando pela moça na Inglaterra.

Parecia estranho que ela não tivesse visitado sua pátria desde criança. Mas era provável que, tendo viajado tanto e conhecido pessoas de origens tão diversas, não sentisse muita falta de parentes e origens.

Descobriu que sua hipótese estava certa quando Irisa se encontrou com seus amigos.

Achando que ela podia ficar envergonhada se os conhecesse sozinha, mandou Jenkins perguntar se já estava pronta. O criado voltou dizendo que sim.

O duque acabou de se vestir rapidamente e saiu da cabine.

Viu a porta do quarto de Irisa aberta e se dirigiu para lá. Ela estava diante do espelho, arrumando os cabelos.

A moça virou-se e sorriu para ele. Agora que tinha descansado e que o sofrimento não escurecia mais seus olhos nem lhe vincava a testa, tinha uma aparência fresca e primaveril. Estava linda.

— Estou envergonhada de minha preguiça — disse ao duque. — Seu criado me contou que você esteve nadando esta tarde. Não sabe como o invejo.

— Sabe nadar? — perguntou, surpreso.

— Feito um peixe! Garanto-lhe que, se não soubesse, poderia ter me afogado uma dúzia de vezes, quando atravessei com papai alguns rios bem traiçoeiros, e, uma outra vez, quando uma monção virou o bote em que estávamos.

— É incrível!

Só quando Irisa se levantou da banqueta da penteadeira Dasher reparou que não usava um traje de noite, mas um de seus vestidinhos simples, que suspeitava terem sido feitos por ela mesma.

Era um modelo feito da musselina mais barata que se podia encontrar em qualquer bazar nativo, mas em Irisa ficava tão bem como se estivesse vestida de ouro. Difícil imaginar que alguma roupa não a deixasse atraente e encantadora.

O duque não fez nenhum comentário, e ficou surpreso quando Irisa comentou com Amy, assim que as duas foram apresentadas:

— Espero que me perdoe o traje pouco adequado para a ocasião, mas não tenho nenhum vestido mais sofisticado para usar à noite. Papai e eu nunca éramos convidados para jantar, a não ser por alguns chefes beduínos, e nessas ocasiões assavam ovelhas inteiras e todos comiam sentados no chão.

— Está encantadora, minha querida! — disse Amy.

Notando a expressão dos olhos de Harry e James, o duque compreendeu que os dois achavam o mesmo.

Depois do jantar, quando teve chance de falar a sós com Dasher, Amy comentou:

— Essa menina é encantadora. Acha que ficaria ofendida se eu me oferecesse para lhe emprestar qualquer coisa de que possa precisar enquanto estiver a bordo?

— Claro que não. Ao contrário, estou certo de que ficará grata e sensibilizada com sua gentileza.

Como formavam um grupo de cinco pessoas, nem pensaram em jogar cartas. Sentaram-se no convés, ouvindo as vozes e risos que vinham da outra margem do rio.

Todo o tempo, o duque esteve vividamente consciente do luar sobre o templo de Luxor e sentiu como se o mistério do lugar vibrasse em ondas vindo em sua direção.

Então, como se não aguentasse mais manter a pose corajosa e também estivesse emocionalmente exausta depois de tudo que havia acontecido naquele dia, Amy levantou-se, dizendo:

— Vou para a cama. Não quero estragar o prazer de ninguém, mas estou cansadíssima.

— Acho que também devo ir me deitar — falou Irisa.

Olhou rapidamente para o duque, como esperando sua aprovação. E ele concordou imediatamente.

— É uma boa idéia. Estou certo de que amanhã teremos muitas coisas interessantes, mas bastante cansativas, para fazer.

— Então, venha comigo, Irisa — convidou Amy. — Vamos deixar os homens tagarelando. A nosso respeito, espero, se bem que seja mais provável que só falem de cavalos.

— Boa noite, Vossa Graça.

Irisa fez uma rápida reverência, que o duque achou muito graciosa.

Cerca de uma hora mais tarde, Dasher desceu para sua cabine, onde Jenkins o esperava. Vestiu um de seus robes de algodão, mais confortáveis no calor do que os de seda, e foi até a escotilha e ficou olhando as estrelas.

Então, teve a nítida sensação de não estar observando o céu sozinho e se lembrou de Irisa, na cabine ao lado.

Ao pensar nela, em sua beleza e no quanto era desejável, sentiu-se envolvido por uma intensa emoção.

— Ela é adorável. Mais adorável do que qualquer outra mulher que conheci — disse para si mesmo.

Não parou para pensar ou sequer considerou se o que estava fazendo era certo ou errado. Só sabia que precisava estar com ela, nunca tinha desistido de algo que realmente desejasse.

Fechando a escotilha, atravessou a cabine e, em alguns segundos, estava parado diante da porta dela.

Por um momento, ficou indeciso. Será que devia bater? Achou que Irisa talvez já estivesse dormindo e que seria no mínimo uma indelicadeza acordá-la.

Girou a maçaneta e abriu a porta devagar, sem fazer barulho. Viu-a então sentada na cama, com um dos manuscritos do pai nas mãos, muito distraída na leitura.

Dasher ficou um longo tempo admirando-a. Era a primeira vez que a via com os cabelos soltos, e percebia agora que, inconscientemente, sempre tinha desejado vê-la assim.

Os cabelos claros caíam em ondas largas pelos ombros e faziam com que ela se parecesse com a pintura clássica de uma ninfa ou de uma sereia.

Usava uma camisola muito simples de musselina branca, fechada no pescoço e com babadinhos no peitilho. Mas a luz por trás da cama revelava as curvas do busto, desmentindo a primeira impressão do duque. Não, não era uma criatura de sonho que estava ali. Era uma mulher, muito real, linda e desejável.

Passou-lhe pela cabeça que ela se surpreenderia com a intromissão dele. Talvez até ficasse chocada.

Mas, quando o viu, Irida sorriu e comentou:

— Estou feliz que tenha vindo me dizer boa noite. Tenho algo muito especial para lhe dizer.

Não era a recepção que o duque esperava. Aproximou-se da cama e sentou-se ao lado dela, encarando-a.

— Achei que você gostaria de saber que me lembrei de seu nome na época em que era... um soldado, e eu a noiva de um faraó.

— Estou pronto a acreditar em qualquer coisa que me disser — respondeu o duque, sentindo que realmente era verdade.

Olhando para ela, achou que não poderia existir ninguém mais encantadora e mais excitante. Como seu corpo reagia à atração que Irida lhe despertava, teve dificuldade para se concentrar no que a moça dizia.

— Seu nome era Alexi. Não lhe parece significativo?

— Não, acho que não..

— É um nome grego

— Sim, é claro. E agora que penso no assunto, iris também é um nome grego. Acha que podemos ter vindo os dois para o Egito da Grécia?

— É bem possível.

— Então, devemos ir até a Grécia. Quem sabe descobriremos o que aconteceu antes de você chegar aqui.

Irida apertou as mãos.

— Seria maravilhoso, mas... talvez...

Hesitou, e ele perguntou imediatamente:

— Talvez?

— ...Você queira ir a algum lugar com seus amigos. Eles foram muito gentis comigo esta noite, mas acho que, pela primeira vez, percebi que, nesta vida, eu e você vivemos em mundos muito diferentes.

— Imagino que seja verdade — o duque respondeu lentamente.

Estava pensando em sua vida na Inglaterra, em seu castelo, seus cavalos, nas festas em Marlborough House e nas pilhas de convites que chegavam para ele diariamente, onde quer que estivesse.

Então seus pensamentos voltaram a Irida. Ela parecia um botão de lótus. E estava sozinha.

Dasher sabia, com tanta certeza quanto se ela própria lhe tivesse dito, que no momento o futuro era para a moça um imenso vazio, um deserto interminável que se perdia no horizonte infinito.

Irisa observava seu rosto atentamente, e ele sabia que podia ler seus pensamentos.

— Não quero ser um estorvo para você — disse ela suavemente. — Talvez seja melhor eu voltar para a Inglaterra e não lhe dar mais problemas.

Falou isso com simplicidade e sinceridade. O duque não teve a menor dúvida de que estava preocupada com o bem dele.

Houve um momento de silêncio. Então, Dasher perguntou:

— Quer casar comigo?

Ela o olhou com surpresa, como se não tivesse compreendido direito a pergunta.

Depois, um brilho surgiu em seus olhos azuis, que pareceram fulgurar como o próprio sol nas águas do lago Sagrado.

O duque esperou, inexplicavelmente incapaz de dizer qualquer coisa, consciente apenas daqueles olhos radiantes.

Finalmente, ela perguntou, com um sussurro:

— É isso que... quer?

— Acabo de descobrir, Irisa, que desejo isso mais do que qualquer coisa que já desejei em toda a minha vida. Afinal, será um final feliz para a nossa história.

— Não um final — ela murmurou. — Mas um começo.

Lentamente, como se estivesse voltando no tempo, o duque tomou suas mãos e levou-as aos lábios.

Quando seus lábios sentiram a maciez da pele dela, uma espécie de encantamento tomou conta dele, tornando impossível falar. Passou os braços em torno de Irisa e suas bocas se encontraram suavemente no primeiro beijo.

Nenhum beijo se parecia com aquele. Não havia nele a paixão egoísta que o duque costumava associar com o desejo.

Era completamente diferente, muito mais maravilhoso, e, pela primeira vez na vida, experimentou um êxtase espiritual.

Desejava Irisa não apenas fisicamente mas também com sua mente e sua alma. Ao mesmo tempo, sentia por ela uma reverência quase sagrada, que jamais havia sentido por qualquer outra mulher.

Os lábios dela eram muito suaves, quentes e inocentes. Como sabia que era o primeiro homem que a beijava, procurou ser também o mais terno e gentil possível.

Então, quando percebeu que ela correspondia à necessidade que sentia de seu amor, os beijos se tornaram mais possessivos e exigentes.

Ambos estavam ofegantes quando ele se afastou um pouco para dizer:

— Como isso pôde acontecer? Agora sei que você é tudo que sempre procurei na vida e jamais consegui encontrar. E que foi o instinto, um poderoso e inexplicável instinto, que me fez viajar de tão longe até o Egito para encontrá-la.

— Eu o amo! — ela falou, num rompante. Dasher tornou a beijá-la sofregamente. Afastou-se, então, e disse:

— Boa noite, meu tesouro. Sonhe comigo. — Seria difícil não sonhar.

O duque olhou para ela durante um longo momento, antes de apagar a luz e sair.

De volta à sua cabine, teve a sensação de que o mundo inteiro estava diferente, e mal podia acreditar que o que havia acontecido e as emoções que o dominavam não fossem apenas produto de sua imaginação.

Mas uma coisa era, sem dúvida, verdade: encontrara um amor diferente de todos que conhecia. Um amor pelo qual, embora negasse, sempre tinha procurado.

As estrelas brilhavam no céu, e a lua crescente prateava a terra e o rio. O iate estava ancorado para passar a noite, e tudo em volta era silêncio e tranqüilidade. De pé no convés, o duque abraçou Irisa pela cintura, e os dois ficaram olhando para o céu estrelado. No dia seguinte visitariam os templos de Abu Simbel, e isso os excitava. Ao mesmo tempo, sentiam que nada podia ser mais maravilhoso e excitante naquele momento do que o fato de terem descoberto um ao outro, e a cada dia parecia para o duque que se tornavam mais unidos e inseparáveis. Na verdade, sua felicidade era tanta que chegava a compará-la com o brilho cada vez mais intenso das estrelas.

Para Irisa, era como se tivesse entrado no paraíso. Mal acreditava que tudo não passasse de uma visão, algo irreal e sem substância como as cenas que viu no santuário de Karnac.

No entanto, cada vez que o duque a tocava compreendia que era muito real.

— Está feliz, minha querida?

— Tão feliz que tudo que posso dizer é que eu o amo, eu o amo! E repetirei isso muitas e muitas vezes, até você se cansar de me ouvir.

— Nunca me cansarei. E sempre agradecerei aos deuses por me mandarem alguém tão perfeita como você.

Irisa pensou que os deuses realmente tinham abençoado os dois quando casaram, na manhã seguinte daquela noite maravilhosa em que Dasher foi à sua cabine e lhe pediu para ser sua esposa.

Tinha dormido embalada pela grande felicidade que sentia e acordara com Jenkins abrindo as cortinas das escotilhas.

— Oito horas, senhorita. Sua Graça mandou perguntar se pode estar pronta para ir ter com ele dentro de uma hora.

— Mas é claro! Como pude dormir até tão tarde? Geralmente já estou de pé às seis horas.

— Dormir é a melhor coisa que pode fazer para se recuperar de tantas emoções, senhorita — disse o criado, com firmeza. — Trouxe-lhe um leve café da manhã, mas posso ir buscar mais, se estiver com muita fome.

Irisa olhou para a bandeja que ele colocou a seu lado e exclamou:

— Isso é mais do que suficiente! Obrigada. Jenkins dirigiu-se para a porta, dizendo:

— Seu banho estará pronto quando terminar -de comer, senhorita. E milorde pediu para que use o vestido azul. Disse que sabe a qual se refere.

Irisa sorriu.

Sabia muito bem que ele se referia ao vestido que usava no dia em que se conheceram. Embora não fosse um de seus trajes mais novos e o duque estivesse certo ao pensar que ela mesma o havia feito, aquele vestido despretensioso e de tecido barato sempre teria um significado especial para eles. Apreciou o banho tépido e perfumado que Jenkins preparou, e já estava pronta quando ele entrou novamente na cabine, trazendo alguma coisa em uma bandeja.

— Sabe se Sua Graça pretende ir a terra? — perguntou ela. Não esperou resposta. — Em

todo caso, vou colocar um chapéu.

— Milorde pediu que usasse isto, senhorita. — E Jenkins entregou-lhe a bandeja.

Irisa olhou surpresa para o que continha: uma grinalda de botões de lótus entrelaçados com pequenas folhas verdes.

Por um momento ela não compreendeu. De repente, quando percebeu o significado e viu a expressão de Jenkins que a observava, seu rosto se transfigurou de pura felicidade.

Cuidadosamente, colocou a grinalda na cabeça e, um pouco tímida, foi para o convés, onde o duque a esperava com um buque de lótus.

Ele lhe deu as flores, e não houve necessidade de palavras.

Irisa apenas olhou bem dentro de seus olhos cinzentos e soube que Dasher a amava tão com-pletamente como o amava.

Foram levados de barco através do rio até os degraus que conduziam ao templo de Luxor. Quando o duque pegou sua mão e passou por entre os pilares, ela adivinhou para onde iam.

Ao chegarem ao lugar onde tinham se encontrado, Irisa viu primeiro que o chão estava coberto com uma profusão de flores; depois, que o mesmo padre que havia celebrado a cerimônia fúnebre pela alma de seu pai os esperava. Só que, agora, usava paramentos brancos.

Atrás dele, num altar improvisado, estava a pedra consagrada que pertencia a seu pai.

A cerimônia foi curta. Quando o padre os declarou marido e mulher, Irisa sentiu que todos os deuses estavam à sua volta, abençoando aquela união.

Só quando ficaram sozinhos e voltaram para onde o barco os esperava, ela disse:

— Como você pôde pensar em uma coisa tão maravilhosa, tão perfeita, como casarmos no templo, no mesmo lugar onde nos encontramos?

— Não consegui imaginar lugar mais apropriado. E, minha adorada, quando fez seus votos, tive a impressão de que eram os próprios deuses que a entregavam a mim.

Olhou para ele com a alma nos olhos, pois tinha pensado a mesma coisa.

— Só... você entenderia isso — murmurou. De volta ao iate, o duque levou-a para sua cabine particular e abraçou-a.

— Agora, você é minha! Minha esposa, e juro que nunca a deixarei ficar longe de mim!

Dasher beijou Irisa apaixonadamente, e ela soube que iria viver um grande amor para sempre ao lado daquele homem, e que o futuro agora lhe pertencia!

FIM